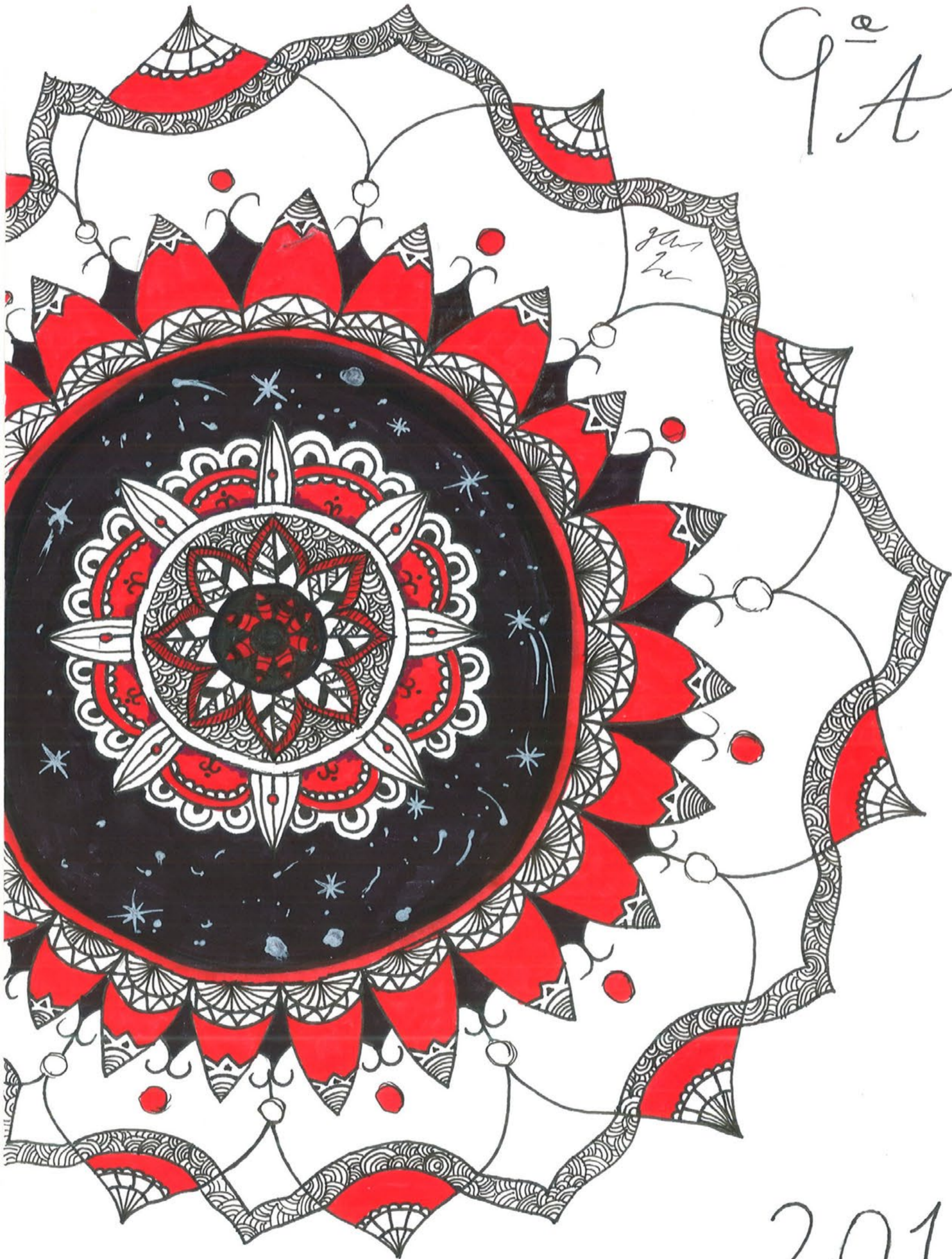


Contos

9^ª
A



2016

9º ano A - 2016

CONTOS DE AGORA E OUTRORA



Sumário

APRESENTAÇÃO	
AS CARTAS ENCAIXOTADAS Alice Faria Forghieri	6
A TRILHA DO JAPI Antonio Fernando Vicalvi Neto	8
FUTEBOL NA ALMA Bento de Sá Braga	12
A BUSCA PELA VINGANÇA Caio Greeb de Souza	18
MORTO DE AMBIÇÃO Catharina Caseiro Cavalieri	20
DECISÕES Clara Anselmo Godoy Corrêa	24
IEMANJÁ Clara Uehara Kalili	27
O ENCONTRO Davi Ceconelo Alloza	30
MEU PRIMEIRO GOL NO VERA CRUZ Enzo Canepa Tosi	33
LIÇÕES DA VIDA Felipe Fernandes Sales	35
INOCÊNCIA INFANTIL Gabriel Pisaneschi Speranzini	37
LINDOS ANIMAIS, GRANDES PERIGOS Gabriela Breim Salama	42
ESTRADA EMBRIAGADA Guilherme Galvão Guedes	45
FAZENDO O ERRADO PARA CONSEGUIR O CERTO Gustavo de Almeida Gandolfo	47

O PRIMEIRO BEIJO	49
Isabella Dalgé Sanna	
A PRIMEIRA VEZ A GENTE NUNCA ESQUECE	53
Julio Nogueira Rothstein Parente	
REENCONTRO	56
Laura Tamizari Mauser	
“HOW I MET YOUR MOTHER”	58
Léo Ostermayer Fiuza	
UMA NOITE MUITO LOUCA	63
Luca Fontana	
VIDENTE	68
Lucas Borges Bottino	
DA TELINHA PRO TELÃO	71
Maria Clara Ciseski Gonçalves	
INDEPENDÊNCIA	75
Maria Pandeló Augusto	
FURTOS	78
Mariana Santiago de Castro e Paula	
NOVELO DE LEMBRANÇAS	82
Paula Brzostek Muller	
DIA INESQUECÍVEL	85
Pedro Guimarães Brandão de Mendonça	
FELICIDADE	87
Pedro Moreno Broide Almeida	
PRIMEIRO JOGO	89
Raphael Dafferner Teixeira	
A ÚLTIMA VIAGEM	93
Thiago Nery Qualiotto	
FUGA DA MADRUGADA	95
Vittoria Perna Negozio	
CRÉDITOS	

APRESENTAÇÃO

Neste epub estão reunidas obras autorais dos alunos do 9º ano, desenvolvidas durante o projeto *Contos de agora e outrora*, da área de Língua Portuguesa. As histórias se baseiam em uma experiência marcante da juventude do personagem protagonista.

Em respeito ao trabalho de produção e revisão dos alunos, e tendo em vista o limite das possibilidades de cada um deles, os textos foram reproduzidos integralmente após a última versão corrigida pela professora.

Marilda Cabral

Setembro de 2016

AS CARTAS ENCAIXOTADAS

Alice Faria Forghieri

Um dia eu estava mexendo nas coisas da vovó, em caixas que ela tinha desde que eu me conheço por gente, embaixo de sua cama. Sempre fui curiosa para saber o que tinha dentro delas. Então, depois da faculdade, resolvi bisbilhotar algumas coisas por ali. Depois de muito tempo remexendo, achei algumas cartas que tinham coisas em comum. Em todas elas, eu lia “de Lorenzo para Maria Antonieta”. Entusiasmada, continuei lendo-as para descobrir do que se tratava. Muito surpresa, mal terminei de ler, fui correndo para vovó perguntar e saber mais sobre aquilo!!

Sua avó me contou que, sim, eu havia lido tudo certo, aquele homem era meu pai verdadeiro. Aquilo me indignou por dias, eu havia vivido 20 anos com um pai que, na verdade, não era meu pai, e sim um padrasto, mas que eu considerei meu pai por muitos anos. Pedi então, como você veio me pedir hoje, para que ela me contasse essa história.

Sentei no sofá de nossa casa da época e lembro que vovó se sentou na poltrona que havia ao lado, e então ela começou:

“Quando eu tinha por volta da sua idade, eu conheci um rapaz e por muito tempo nós namoramos, éramos apaixonados. Porém, infelizmente, na época, as famílias eram muito tradicionais principalmente aqui em Taubaté, interior, então nosso casamento não foi aprovado pela minha família, pois a família dele não era conhecida na cidade. E por esse motivo descobri que ele era italiano. Com esse

problema, Lorenzo voltou para a Itália e nunca mais nos falamos.

Pouco tempo depois de sua partida, eu descobri que estava grávida e o único que poderia ser o pai era Lorenzo que já estava há muitos e muitos quilômetros daqui. Já estava noiva de seu “pai atual”, casei com ele grávida e quando você nasceu, ele foi seu pai.

Descobri muitos anos depois, que a vovó havia guardado todas as cartas que Lorenzo havia me enviado, dizendo para eu ir à Itália. Minha mãe escondeu tudo isso para que eu me casasse com seu agora padrasto”.

Assim vovó Antonieta terminou a história, e eu por muitos anos fui atrás de inúmeros documentos para tentar achar meu verdadeiro pai, que, provavelmente, estaria na Itália, muito distante de mim naquele momento. Depois de muitos anos de busca, o achei em Florença. Consegui seus contatos e ele me mandou uma passagem para lá, assim conheci meu verdadeiro pai e sua família atual.

Acho que dele puxei muito, pois sou apaixonada pela Itália atualmente. Por isso resolvi criar você, minha filha, aqui mesmo, onde meu verdadeiro pai vive.

A TRILHA DO JAPI

Antonio Fernando Vicalvi Neto

Em pleno verão, eu e meus amigos Victor e Aldo estávamos dispostos a fazer a trilha da Serra do Japi. Saímos logo pela manhã. Como não estava muito trânsito, pegamos a Bandeirantes. No meio do caminho, paramos para tomar café, só aí chegamos no nosso destino. O guia Romeu nos esperava, era um homem alto, esbelto e já tinha lá os seus 50 anos. Conversamos um pouco com ele e nos disse que estava um dia bom e que tudo ocorreria como o esperado. Desaparecemos no pé da Serra, todos nós ansiosos para o que íamos ver e enfrentar.

A trilha começou íngreme com muitas curvas. Se não fosse o guia, nos perderíamos. A trilha era apenas um estreito caminho, quase imperceptível. A copa das árvores cobria grande parte da luz, entravam apenas alguns raios de sol. Chegamos em uma parte onde havia um rio paralelo ao caminho. Paramos um pouco para tomar água, o rio encontrava-se cristalino e gelado como nós que estávamos com frio.

Deitamos um pouco para descansar e começamos a ouvir ruídos de animais. Ficamos maravilhados ao vermos as copas das árvores se mexendo, mas o barulho foi aumentando e o medo começou a tomar conta do lugar, até o guia se mostrava inseguro. Esse barulho foi se aproximando de nós cada vez mais. Olhávamos para todos os lados sem saber exatamente de onde vinha. Inesperadamente, o ruído parou, e, em seguida, uma árvore se mexeu. Ficamos olhando para ela e percebemos algo vindo rápido em nossa direção.

Com o binóculo, Romeu viu que era um enorme macaco. O guia então começou a gritar e falou para que corrêssemos. Mas o animal começou a correr atrás de nós e acabou agarrando Romeu que se debatia tentando livrar-se do animal que, infelizmente acabou levando-o para a mata.

Agora nós três a sós numa floresta. Como não sabíamos voltar, seguimos em frente.

Continuamos a caminhar, chegamos, então, em um manguezal. Era frio e quase não havia luz do sol o que deixava essa caminhada cada vez mais sombria. Agora para se locomover, tínhamos que nos apoiar nos troncos porque não enxergávamos o chão. Vimos caranguejos e alguns pássaros que ali se refugiavam de seus predadores para poder acasalar. Paramos de prestar atenção onde pisar e observávamos os animais. Foi aí que Aldo se distraiu e tropeçou em um tronco. Para não cair, se segurou em um galho. Mas, na realidade, o tronco era uma cobra, e quando Aldo se segurou, foi mordido. O garoto, imediatamente, caiu de dor e, mesmo tonto, conseguiu andar até o final do manguezal, mas não muito além, pois desmaiou. Tentamos acordá-lo, de nada servia, então o carregamos até que abriu o olho, e com seu último suspiro, disse:

— Estou muito fraco, não vou conseguir acompanhá-los, apenas vou atrasá-los. Me deixem, continuem para que não morram.

Achamos aquela ideia ridícula e então falamos:

— Não vamos te deixar aqui, precisamos descansar portanto ficaremos!

Passou o final da tarde e a noite caiu sobre nós. Como um deles havia trazido um isqueiro, fizemos uma fogueira, já que a noite na mata estava gelada e o fogo nos aqueceria e protegeria contra animais.

Dormimos um pouco. Quando acordei fui ver como estava Aldo. Sua pulsação já havia parado, estava morto.

Acordei Victor e falei sobre Aldo. Ficamos abalados, mas tínhamos que seguir caminho. Enterramos o corpo com pedras, e mesmo abatidos continuamos.

Uma chuva de verão começou com raios e estrondos altíssimos, mas, mesmo assim, decidimos prosseguir. Com a chuva, o barro tomou conta do solo, fazendo deste um verdadeiro lamaçal. Chegamos a uma parte onde havia uma encosta, olhamos para baixo e estávamos a pelo menos 200 metros de altura, ou seja, morreríamos se algum de nós caísse. Mantivemos a calma e seguimos, mas, no auge da nossa tranquilidade que já era pouca, sentimos um tremor. Olhamos para cima e percebemos que estava ocorrendo um desabamento de terra. Corremos com todas as nossas forças, mas quando as pedras chegaram até nós, uma delas atingiu Victor que acabou caindo. Por sorte escapei e, como a chuva ainda não havia passado, me abriguei em uma caverna que eu achara.

O único que ali sobrara era eu sozinho no meio da selva. Ainda não realizara que havia visto duas pessoas morrerem na minha frente.

Continuei caminhando exausto, sem água nem comida, por

sorte, encontrei dois turistas. Perguntei desesperado onde era a saída, então os turistas me levaram até lá.

Por fim eu disse uma coisa aos dois:

— Se eu fosse vocês não entraria aí!

Foi muito mais que marcante, já que tudo isso aconteceu em tão pouco tempo, e me tirou meus dois melhores amigos, porém foi um aprendizado de como não duvidar da natureza e seus animais. Além de servir para se um dia escrever alguma história por ai...

FUTEBOL NA ALMA

Bento de Sá Braga

Férias escolares sempre foram motivo de alegria para o pequeno garoto da casa 14, fundos. Filho único de pais separados, sua maior diversão era jogar bola com os amigos, na velha rua sem saída daquela pequena e pacata cidade do interior mineiro. Sua maior companheira, tanto em na rua quando em casa, era a bola de salão que seu pai havia deixado para trás quando deixou sua casa para tentar uma vida melhor na capital mineira; uma bola velha e rasgada pelas pancadas dos profissionais, mas nova nos pés do guri.

Suas roupas não eram novas, seu tênis, de tão usado, parecia um trapo, e mesmo diante de tantas dificuldades, a hora do futebol era sagrada. Com os amigos a jogar, Pedrinho se esquecia de tudo: mãe, casa, almoço. Até de seu pai, que lhe deixara a bola, ele esquecia. Porém, era nos dias de chuva que seu pai mais fazia falta. Sem poder jogar bola ou sair de casa, Pedrinho só tinha três opções: estudar, ajudar sua mãe ou assistir televisão. A terceira opção sempre era a mais desejada, no entanto, sua mãe era enérgica quando estipulava os horários, e como não exigia a ajuda nas tarefas, sobrava somente a primeira opção, aquela que nenhuma criança tem prazer em fazer durante as férias.

– Estudar, mãe? – dizia ele. – Estou de férias, não quero estudar.

– Não tem mais nem menos. – respondia. – O ano ainda não acabou e você está fraco em matemática.

– Mãe...

– Pedro. – disse, ao sentar-se ao seu lado. – Não me importo que você fique o dia inteiro brincando com seu amigos quando está um dia bonito lá fora, mas, em dias como este, é bom você manter a atenção nos estudos. Vamos, meu filho, suba e estude um pouco de divisão, depois eu preparo um lanche pra você ver televisão o resto da tarde.

– O resto da tarde? – perguntava, com os olhos arregalados de felicidade.

– Sim, o resto da tarde.

Todo animado, Pedrinho correu escada acima, sua mãe, ao longe, quase gritando, dizia: Não suba correndo! Mas antes que o aviso de sua mãe fosse compreendido, Pedrinho já estava sentado, com os livros em mãos e a antiga bola nos pés.

– Vamos lá. Matemática. – em voz alta leu: Durante muito tempo, os números naturais foram os únicos conhecidos e usados pelos ho... – Ahhhhh. – ...mens. Depois começaram a surgir questões que não poderiam ser resolvidas... – Vamos aos exercícios, mais prático! – dizia.

Começando pelos mais fáceis, resolveu todos, sem muita dificuldade. Porém, assim que as frações começaram a se tornar mais complexas, Pedrinho já não conseguia se concentrar, olhava para a os pingos da chuva, para as frações, gastando mais tempo seguindo os contornos dos pingos com os dedos do que nos tortos números.

Contemplando os pingos, Pedrinho não conseguiu compreen-

der o porquê dos pingos sempre escorrerem na mesma direção, pensou em ir perguntar pra sua mãe, mas, sabia que se fizesse isso, ela saberia que ele não estava estudando. E sem muito o que fazer, deixou de lado essa ideia dos pingos para se divertir com a bola; uma, duas, três embaixadas e ao longe ouviu sua mãe: Peeedrooo...

– Ops... – sussurrou.

Deixando a bola de canto, deitou-se na cama para aguardar o tão esperado lanche que sua mãe havia prometido. Os livros ele deixara na mesa, assim como sua vontade de estudar. Ele sabia que teria muito tempo para estudar quando as aulas voltassem; portanto, a reprovação estava longe de acontecer, se acontecesse.

Ao lado de sua cama, no criado-mudo, a foto dos tempos de futebol profissional de seu pai, permanecia sempre em primeiro plano. Fosse a saudade, fosse a vontade de ser um profissional, pouco importava, pois, a mistura das duas possibilidades lhe agradava. Era como se tivesse o pai sempre próximo, mesmo sabendo que a distância era bem maior do que uma esticada de braço.

– Pedro! O lanche está pronto! – gritou sua mãe.

Com cuidado, colocou a foto de volta ao criado-mudo e saiu em disparada para a cozinha e, claro, a televisão.

– Já falei pra não descer as escadas correndo, menino! Pode se machucar.

– Desculpa... – respondia todo acanhado.

– Conseguiu estudar? – perguntou sua mãe.

– Sim! – respondeu firme. – Frações!

– Muito bom! Então, agora que já estudou, pode ir comer o lanche na sala. – disse, entregando o prato com o lanche em suas mãos.

– E a televisão, posso ligar?

– Claro! – respondeu com um sorriso nos lábios.– Eeeeeee...

Mais que depressa, Pedrinho sentou-se no sofá e ligou a televisão; os desenhos eram o que ele mais gostava, chegava a passar horas assistindo toda a programação, sendo capaz de citar todos os nomes, caso lhe perguntassem. E nesse dia não foi diferente. Só saiu da frente da televisão para jantar, voltando rapidamente para assistir mais alguns, antes de dormir. Sua mãe, em dias como esses, era obrigada a carregar o filho sonolento para seu quarto, pois já havia adormecido no sofá. Por mais que fosse possível ele acordar e ir sozinho para a cama, fazia questão de ser carregado; uma manha gostosa que aprendera desde pequeno.

– Durma bem, meu filho. – dizia sua mãe, ao dar um molhado beijo de boa noite.

– Mhnnn... – respondia.

Na manhã seguinte, Pedrinho acordou bem feliz com o sol brilhando na janela de seu quarto. Levantou-se prontamente, trocou de roupa, escovou os dentes, limpou o rosto e desceu as escadas correndo, novamente. Até parecia gostar que os gritos de sua mãe ecoassem pela casa.

– Bom dia, mamãe!

– Bom dia, meu filho. Vi que acordou feliz, algum motivo em especial? – perguntou, sabendo a resposta.

– Não, nada em especial. – respondeu rindo, enquanto abraçava sua mãe.

– Certo! Então, tome seu café e pode ir lá brincar com seus amigos.

Acostumada, a mãe viu Pedrinho tomar o café da manhã tão rápido que mal conseguiu dizer para ele saborear a comida.

– Tome cuidado! – disse, ao ver a porta da rua sendo aberta.

As ruas quase secas, com uma leve umidade, logo se tornaram em um campo de futebol. Seus amigos, que no dia anterior também não haviam saído, estavam todos ali, esperando o dono da bola. Ninguém admitia, mas Pedrinho era um excelente jogador, diferente de Matheus, um perna de pau nato, que sempre chutava a bola para o quintal ou telhado dos outros.

– Vai, Matheus, cruza! – gritou, Pedrinho. – Cruza!

E como não poderia ser diferente, Matheus chutou a bola com tanta força que ela acabou por ficar presa no telhado de uma das casas.

– Ahhhh... – lamentaram. – De novo, Matheus?! – disseram.

– Como vamos pegar essa bola, agora?

Com o pedaço de um galho, Pedrinho e seus amigos tentavam

cutucar a bola; uma, duas, três. Quatro tentativas e a bola continuava sobre o telhado. Pedrinho já estava subindo nos ombros de um dos amigos para subir no telhado, quando ouviu alguém perguntar:

– Querem ajuda?

– Não, estou quase conseguindo. – respondeu, sem nem olhar pra trás.

– Tem certeza?

Devido a insistência do bom samaritano, Pedrinho se virou para responder, e quase caiu dos ombros de seu amigo.

– Pai...?

Com os braços abertos, Pedrinho pulou em direção ao pai, que logo o agarrou, dizendo:

– Senti tanta saudade de você, meu filho!

– Eu também...

As lágrimas que escorriam dos olhos de Pedrinho logo atingiram o chão, deixando uma trilha de felicidade até a porta da casa 14, fundos.

A BUSCA PELA VINGANÇA

Caio Greeb de Souza

Eu e meu irmão vínhamos de uma família com uma habilidade em especial, o vento, que somente nós possuíamos. Ou era o que pensávamos.

Na época, tinha 22 anos e não temia nem sequer um inimigo, assim como meu irmão, Tobi.

Morávamos numa vila ao norte da Europa, onde minha família havia contratado um mestre para nos treinar. Ele nos treinava desde a nossa infância.

Um dia, fomos enviados para uma missão em que tínhamos que ser guarda-costas de um milionário. Tudo que tínhamos de fazer era protegê-lo até sua cidade desejada. Uma coisa simples para nós dois.

Nós estávamos no meio do caminho quando fomos parados por alguém. Era uma mulher, alta, de cabelo branco, que tinha uma grande espada em suas mãos. Ela nos encarava com um olhar matador. De repente, ela atacou nós três, desviei para o lado, mas quando olhei para o cliente e meu irmão, eles já tinham um corte na garganta. A mulher foi embora como um fantasma e nem consegui vê-la. Eu não sabia o que fazer, como reagir, estava paralisado em frente aos dois mortos. O sangue de meu irmão escorria em minhas mãos, que estavam pálidas e tremendo. Eu jurei pela vingança.

Voltei para a vila com os dois corpos. Muitas pessoas vinham

ver o ocorrido. Eu não lhes respondia, ouvia tudo, mas não conseguia falar nada. Entreguei os dois corpos ao médico e fui para minha casa. Não conseguia imaginar que isso estava acontecendo. E se fosse um sonho? Não. Eu tinha que voltar para a realidade, Tobi estava morto. Doía-me só de pensar na verdade.

No dia seguinte a polícia da vila bateu na porta de minha casa. Pensei que era para contar o ocorrido a eles, mas não era. Disseram-me que quem havia matado os dois, era alguém com a habilidade do vento. Não pude acreditar, a única família que possuía essa habilidade eram a minha. Após isso, me falaram que eu estava condenado à morte por assassinato, para pegar minhas coisas e ir com eles. Preparei minhas coisas, empunhei minha espada, saí pela janela e fui embora da vila rápido antes que me encontrassem. Eu havia jurado por vingança e qualquer que fosse a pessoa que entrasse em meu caminho, eu iria matá-la.

Depois de meses procurando-a pelo norte da Europa, achei-a. Mostrava respeito e já sabia que estava lá para uma luta até a morte. Empunhamos nossas espadas e fomos para a batalha.

Foi uma batalha acirrada, com momentos em que realmente pensei que iria morrer. Procurava pelo ponto fraco dela, mas demorava para achá-lo. Depois de muitas horas de luta, havia achado, comecei a avançar mais e consegui uma brecha. Sem hesitar, enfinquei minha espada em seu coração. Havia completado minha vingança.

MORTO DE AMBIÇÃO

Catharina Caseiro Cavalieri

“Não cabe a mim contar quando essa história ocorreu, tragédias podem acontecer todos os dias e as datas são superficiais. Só direi que essa aconteceu em uma época em que dinheiro, posses e ambição eram algo mais valorizado do que a própria felicidade.

Eu mesmo não poderia escapar dessa definição, a ambição arruinou minha vida e me marcou para sempre, assim como uma cicatriz. Mas não importa mais. Contarei essa história que aconteceu em uma humilde cidade no interior de Minas, chamada Itabirito, é um lugar em que relatos de tragédias e estranhas proezas são contadas todos os dias é desse modo que conheço essa e muitas outras histórias e é desse modo que minha memória será transmitida ao longo dos anos.

Essa não é a história de um amor incondicional, não é sobre paixão e nem sobre alegria. Você provavelmente já a conhece se nasceu em Itabirito, mas agora eu vou narrá-la, do meu ponto de vista.

Tudo começou em uma noite tempestuosa em que José teve um sonho. Sonhava que Tiradentes dizia a ele para cavar embaixo da Igreja e que lá encontraria o tesouro dos Inconfidentes, que ficaria rico. Ele acordou sobressaltado, pegou uma pá e começou a cavar em seu porão, já que sua casa era ao lado da Igreja.

Cavou por dias, noites e meses, sem parar. Estava completamente obcecado por aquele tesouro. Achava que seu sonho era real-

mente uma mensagem de Tiradentes, que ele precisava achar o tesouro e cumprir seu destino.

Cavou por anos, cavou até ficar louco, doente e completamente desorientado. Nunca achou o tesouro, mas ele nunca desistiu.

Descobriu que seu buraco poderia se tornar fonte de renda recebendo visitantes. Eles vinham de todas as partes e pagavam absurdos para entrar em seu buraco e escutar o relato de seu sonho.

Ele, então, abria-o para visitação de dia e continuava a cavar durante a noite. Foi assim por anos, ele já estava rico e enriquecia cada vez mais com sua fonte de lucros constante. Porém, como eu já disse, ele estava louco, ele não desistia da busca pelo tesouro e continuava cavando. Noite após noite.

A tragédia veio quando um grupo foi lá para baixo e não voltou mais. Houve um desabamento, afinal o buraco já beirava 18 metros de profundidade, e as pessoas morreram soterradas, enterradas vivas.

Após esse dia, sua vida se transformou em um caos. Ele logo estava cheio de d vidas com as famílias das vítimas, que o processaram por omissão às medidas de segurança, e, em pouco tempo, estava pobre de novo.

Ele foi preso por ter feito o buraco sem autoriza o das autoridades, por ter sido negligente quanto a segurança, por não ter pago as d vidas e por ter sido cego a ponto de sua ambi o o arruinar.

Na verdade essa é a minha história, essa é a minha vida. Eu ouço todo os dias as pessoas passando e contando minha memória,

mas essa é a verdadeira história de como fiquei louco e de como fiz a MINA, a história de como tudo aconteceu e de como minha ambição me destruiu.

Fui arrastado de minha casa, de minha vida, dos meus sonhos.

Nunca mais verei minha família, nunca mais poderei correr por um campo de grama verde com a minha mulher e com meus filhos. Eles nunca vieram me visitar. Rezo para que ainda estejam vivos, que mesmo após tanto tempo eles ainda se lembrem de mim, mas não ousou ter esperança, nunca mais..

Estou preso até hoje, eu espero que um dia alguém ache essa carta contando minha história e memórias do meu ponto de vista. Não conheço mais a luz, não sei como contam minha história, perdi tudo, queria poder mudar o que aconteceu, queria voltar no tempo quando eu era jovem e feliz, quando cavava um buraco procurando um tesouro que eu vi em um sonho. Isso realmente mudou minha vida.”

Dois policiais examinam os restos da prisão que fora destruída por um deslizamento de terra:

- Você achou alguma coisa? Todos morreram enterrados.
- Achei uma carta...
- Está inteira? Afinal muitas coisas foram soterradas pelas pedras...
- Ela está sim.
- O que fala?

- Talvez outro dia eu te conte.

E naquela noite a policial sonhou com um lindo campo de grama verde em que um homem e sua mulher junto de seus filhos corriam felizes e despreocupados pela grama, depois disso, mais nada.

DECISÕES

Clara Anselmo Godoy Corrêa

Desde pequena, ele sempre estava lá comigo. Em todo o lugar, podia vê-lo até mesmo nas estrelas. Sua personalidade era despojada, foi sempre muito gentil comigo, atencioso, doce. Não conseguia listar seus defeitos, eu também não ligava muito para isso na época. Mas fui crescendo, e nós, aos poucos, fomos nos afastando. Me fez uma promessa, prometeu que iria voltar, e eu iria vê-lo novamente. Me prometeu que não era o fim. Mas essa promessa foi se desvaindo, e logo minhas memórias me fizeram esquecer dele.

Só voltei a vê-lo um longo tempo depois. Meus sentimentos tinham mudado, assim como eu mesma. O olhar mudou quando voltei a encará-lo e logo todas as lembranças voltaram. Deixei a minha antiga ingenuidade de lado e abri os olhos para observá-lo novamente.

Depois desses anos todos, ele não tinha mudado nada. Ainda me encantava, como muito antes fazia, me deixava feliz, sabia me alegrar. Mas algo estava diferente. Depois de anos, ele ainda sabia me deixar brava, e me irritava sempre que podia. Embora eu entendesse que ele só brincava comigo, nossa relação ficou provocativa.

A raiva dessas angústias logo se transformava numa coisa doce, um sentimento que me deixava confusa. A princípio, não consegui identificar isso como amor, mas se tornou tão ardente, que eu não conseguia mais lutar contra meus sentimentos. Um dia mesmo, ele me disse que a raiva podia tornar-se paixão...

E eu me senti sozinha, encarando as confusões que a minha cabeça criava, sonhava acordada com todos os finais felizes que eu conseguia imaginar. A minha sede por esse amor me fez esquecer as coisas, mas algo soava como se tudo estivesse contra mim nesse pequeno desafio que eu tinha que enfrentar diante a vida.

Sufocava-me quando pensava se podia ficar perto dele. Todas as vezes que ele chegava ao meu lado, um calafrio subia a minha espinha e minha garganta travava para logo depois eu falar alguma coisa fria, com um tom sarcástico como forma de criar a nossa atmosfera. Sempre que me tocava, uma sensação estranha percorria meu corpo, algo quente e reconfortante, como seu olhar ardente quando levantava seus olhos de seus livros

Mas foi aí que as coisas começaram a ficar piores. Eu iria me mudar e talvez nunca mais o encontrasse, e foi aí que a ficha caiu. Fiquei possessa pelo medo puro que gelava o sangue e o nervosismo. Eu estava com medo de me abrir para ele, falar o que eu sentia. Sentia medo da rejeição, e que, aos poucos, corroía-me por dentro, tornando os dias mais difíceis, as manhãs gélidas e as noites mais negras. O tempo fazia a pressão que eu não queria que fizesse, esmagando-me para tomar a minha decisão rapidamente.

O impulso e toda a pressão no meu peito fizeram com que eu decidisse contar a ele. Corajosa? Não o suficiente, pois logo mandei uma carta, com medo de lhe falar pessoalmente. Ainda, pedi a um amigo meu que a entregasse. Passei a noite em claro, repassando na minha mente tudo que ele iria ler, pensando sobre a sua reação e nossos futuros diálogos. Acordei no outro dia já conturbada. Procu-

rei-o em vão, já que parecia fugir de mim

Passei como mais um dia normal, procurando-o no banco em que sempre sentava, com romances e histórias com que ele se afogava e não voltava na superfície para respirar. Mas eu parecia perdida e ele desaparecido. Escapou das minhas mãos. Voltei a vê-lo alguns dias depois, mas ele parecia irritado. Fiquei quieta, e ele não falou comigo. Meus olhares tentavam desesperadamente cruzar os dele, mas seus olhos permaneciam petrificados. O medo tomou conta de mim assim que percebi a rejeição. Me dei conta de que era melhor ter guardado meu próprio sofrimento, já que eu não aguentava a tortura que era não poder olhá-lo, abraçá-lo e falar a ele o que me aborrecia, esperando que ele me desse o seu conselho de como passar aquilo.

Eu chorava, esperando que as lágrimas levassem embora a minha dor. Desejei que eu nunca mais me apaixonasse, me iludisse, amasse. Só então comecei a perceber: seus cabelos perfeitos ficaram grisalhos, sua expressão envelheceu, seus olhos ficaram cansados, tudo mudou. Na verdade, seus cabelos sempre foram grisalhos, sua expressão era sempre envelhecida, mas, agora, eu realmente havia percebido. Me apaixonei por um velho. Mas alguns dizem que o amor é cego...

IEMANJÁ

Clara Uehara Kalili

Manuela. Prefiro Manu, às vezes Manuzinha ou Manuzita, mas principalmente Manu.

Estava na praia com minhas amigas, mais ou menos às 16:30 na tarde, ora no mar, ora tomando sorvete. Eu e elas três tínhamos casa no mesmo condomínio na Praia Barra do Sahy, Litoral Norte de São Paulo. Aliás, temos casa lá até hoje. O condomínio sempre foi nossa segunda casa, refúgio da agitação e correria de São Paulo.

Essa situação se repetia todas as férias. Aquele sol, aquela chuva de verão, na mesma barraca, nas mesmas cadeiras, os mesmos jogos, o mesmo mar...

Contudo, a tarde desse dia foi diferente. Me lembro até hoje cada detalhe, cada sentimento e tudo o que passou pela minha cabeça.

Ficamos no mar por algumas horas e nossos dedos já estavam enrugados como uvas-passas. Naquele momento a praia já começara a se esvaziar, até que só se viam duas cadeiras na areia: da mãe e do pai de uma amiga.

O Sol estava se pondo enquanto a gente conversava sem perceber o tempo voando. A conversa foi fluindo, falamos dos nossos desejos, de como imaginávamos nós quatro no futuro e de como gostávamos daquele lugar.

Um desses desejos junto a uma animação espontânea veio a

tornar-se realidade. Resolvemos tirar a parte de cima dos nossos biquínis, afinal, o mar estava vazio e não era possível saber se nos encontraríamos em uma situação como essa de novo, já que a praia costumava e costuma até hoje a estar bastante cheia.

A coragem e o desejo nos dominaram e as quatro, sem hesitar, assim que a próxima onda passou, tiramos os biquínis, mas logo colocamos de volta antes que pudesse acontecer alguma coisa.

E não deu outra. Logo comigo, justo comigo! Em uma questão de segundos, vi meu biquíni sendo levado pelas ondas.

Diante de tanto desespero, comecei a chorar feito uma criança quando perde o brinquedo preferido, mas quando o pai de Amanda chegou com uma camiseta para mim, eu consegui me acalmar. Elas ficaram comigo, mas não havia muito o que pudessem fazer para me ajudar, além de conversar sobre qualquer outro assunto para me distrair.

Acabei esquecendo o que tinha ocorrido, sentamos na areia e observamos o restinho de pôr do Sol. Eu via o brilho tão forte, o céu avermelhado encostando na água, como se a beijasse e não tinha como ficar triste.

O silêncio dominava enquanto contemplávamos o reflexo do Sol naquele mar, no nosso mar, aquele que tanto amávamos e que considerávamos perfeito.

E não é que era perfeito mesmo? Não demorou muito para que uma onda se arrastasse na areia diante de meus olhos, que brilharam ao ver o biquíni voltando para a praia.

A alegria que me veio foi tamanha que não tem como descrever, mas, com certeza, não digo que fiquei surpresa, sabia que o meu mar não podia me decepcionar.

O ENCONTRO

Davi Ceconelo Alloza

O sinal da escola berrava freneticamente indicando sete da manhã quando Guilherme, de maneira desajeitada, corria avenida à fora. Mais uma vez acordara atrasado e justamente na semana de provas. Com o coração aos pulos e pingando de suor, foi um dos últimos a adentrar o pátio do colégio enquanto a segurança tentava em vão conter a massa de estudantes retardatários pelos portões de ferro.

Não muito longe dali, sentada na praça de alimentação do colégio, tomando um sofisticado café, Sofia pensava em absolutamente nada. No intervalo entre um gole e outro, alisava carinhosamente seus cabelos negros como a noite, evidenciando as unhas bem feitas num tom vermelho paixão. A passagem da servente pelo local foi o alerta necessário para saber que estava atrasada. Deixou seu fino costume diário pela metade e saiu corredor à fora rumo à sala de aula.

Aquele terceiro ano tinha detalhes peculiares: alunos estudiosos e comprometidos com causas estudantis e de cunho político. Especialmente naquele ano, fundaram por conta da formatura um grêmio estudantil, para defender não só os interesses dos alunos, como de todos os que formaram a fundação acadêmica do colégio. Guilherme, presidente do grêmio e porta voz das reivindicações, ainda esbaforido pelo atraso, adentrou a sala de aula trinta segundos antes do professor de química, rígido com regras e normas, fechar a porta e aplicar a prova trimestral.

Enquanto habilmente aplicava seus conhecimentos em fórmulas e tabelas periódicas, os olhos castanhos de Guilherme pairavam sobre Sofia. Os dois se conheciam desde a primeira série do ensino fundamental, mas por achar o menino “bobo” demais, Sofia nunca lhe deu bola. Mesmo depois de crescidos, evitava encontros e amenidades com esse “conhecido” como costumava chama-lo por achar suas atitudes infantis e desnecessárias. Nem a escolha dele como presidente do grêmio mudou os pensamentos da adolescente de dezesseis anos, olhos castanhos e rosto angelical de parar o trânsito. Ao notar que Guilherme a observava, lançou um olhar de cólera desaprovando a forma com que perturbava seus sentidos. O relógio marcava dez e meia quando o professor de química recolheu as avaliações e dispensou os alunos pelo restante do período.

A relação de amor e ódio entre Guilherme e Sofia começou no segundo ano do ensino fundamental. Por uma brincadeira de mau gosto, tornaram-se ferrenhos rivais não somente nos estudos, como também nas chapas que elegeriam o primeiro grêmio estudantil do colégio. Guilherme, querido pela maioria dos estudantes por seu jeito despojado e sempre aguerrido a favor da causa dos alunos, ganhou a maioria dos votos deixando Sofia em prantos por três dias e quatro noites. Enquanto caminhava pelos corredores da escola nostálgica e resmungando com si mesma Sofia não viu quando deu de encontro com Guilherme derrubando todo seu material no chão. Por uma fração de segundos, aqueles olhos verdes e castanhos que tanto se rivalizaram trocaram um momento de ternura. Totalmente sem jeito com o que acabara de acontecer, Guilherme recolheu as coisas da garota que ainda estava atordoada pelo choque e saiu em

disparada pelo corredor. Sofia sem entender a mistura de sentimentos e o calor do momento encostou-se nos armários azuis tentando recobrar-se do que havia ocorrido.

Ambos não haviam entendido o que fora aquela troca de olhares mas sentiram a transformação daquela raiva infantil que ambos sentiam em um violento desejo. Naquela quarta-feira ensolarada, todas as prerrogativas de Sofia haviam sido vencidas. A guerra dos egos não havia mais sentido. Já Guilherme do outro lado do corredor, sorria malandramente pois sabia naquele instante que havia chegado a sua vez, seria para sempre o dono do coração da menina de cabelos negros chamada Sofia.

MEU PRIMEIRO GOL NO VERA CRUZ

Enzo Canepa Tosi

Em 2011, quando eu tinha apenas 10 anos e tinha acabado de entrar no Vera Cruz. Cheguei na escola, não encontrei ninguém porque eu estava atrasado, então subi as escadas até o terceiro andar, fiquei muito nervoso quando me deparei com a porta, esperei alguns instantes e abri.

Assim que empurrei a porta, entrei na classe e me deparei com umas 25 crianças que não conhecia. Vi a professora, Lu, que me apresentou para a classe, então sentei na cadeira e conheci o Lipe, meu primeiro amigo que me apresentou para os outros. Então tocou o sino e lanchamos na classe de modo que nos trouxeram.

Assim eu estava lanchando e Byington o meu colega de classe me perguntou:

— Enzo, você gosta de futebol?

Eu respondi:

— Sim, porque hoje tem jogo na quadra de cima. Você quer ir?

Feliz eu respondi:

— Suave eu vou.

Então eu fui. Chegando na quadra, estava muito sol, mas não era nada demais, então eles dividiram os times de acordo com as classes e o jogo começou. Depois de um tempo e muitos gols, o Nando um menino que eu conheci lá na classe, começou uma jo-

gada na direita, driblou dois cruzou na área a meia altura pra mim que peguei de voleio de primeira no ângulo. Assim eu comecei a correr e comemorar com todos surpresos com o golaço menos eu, que já estava acostumado, desse modo. Eu pulei, dei meia volta abri os braços e gritei:

— Siiiiiiiiimmmmmmmmmmmmm!!! – olhando para cima.

E esse foi o meu primeiro gol no Vera Cruz

LIÇÕES DA VIDA

Felipe Fernandes Sales

Nas Férias de Julho de 2007, minha família e eu fomos à Fortaleza para aproveitarmos o Beach Park. Meu irmão e eu estávamos muito ansiosos para nos divertir.

Todas as manhãs eram a mesma coisa, que eu me lembre: acordávamos cedo, tomávamos nosso café e partíamos para o parque. Não tinha nada diferente nas manhas. Até que eu e meu irmão nos separamos e fomos para brinquedos diferente. Encontrávamos na hora do almoço para ficarmos com nossos pais. A relação que nós temos não é a das melhores, por isso nos separamos mais uma vez. Porém, dessa vez, nossos pais não sabiam. O combinado era sempre se encontrar-se as 18H no Portão.

A tarde passou rápido naquele dia e assim acabei perdendo o horário. Sem pressa, antes de encontrá-los, fui lancha e depois fui ao banheiro. O que eu não esperava era que a faxineira desligasse a luz enquanto eu estava passando mal. Na hora nem liguei, mas quando escutei o barulho da chave trancando a porta, comecei a ficar preocupado. Terminando de fazer as minhas necessidades, saí do box e lavei a mão. Quando fui puxar a maçaneta da porta para abri-la, percebi que estava trancada. Achei que fosse uma brincadeira. Devo ter esperado uns 30 minutos para alguém voltar lá e me resgatar. Porém, ninguém apareceu. Nesse momento comecei a pensar no que aconteceria se meus pais não me encontrasse, lembro de ter gritado por ajuda, Mais nada adiantou, pois olhava pelas frestas da porta e não conseguia ver nenhuma pessoa.

O tempo foi passando e eu comecei a forçar a janela que era bem pesada e grande para sair de lá. Finalmente consegui, mas estava com medo de ficar sozinho na escuridão do parque. Foi aí que vi uma luz e fiquei com medo. O que seria aquilo? Imaginei algumas coisas, como ser levado por quem fosse ou o que seria e então eu saí correndo. Não me lembro por quanto tempo corri, mas sei que cheguei no portão lembro que emagreci tudo que eu comi naquele dia ai eu vi meus pais sentados no bar. Já o meu irmão gritou quando me viu, indo em minha direção. Por um instante vi que a luz que me causou pânico, só vinha me ajudar. Era um senhor carregando uma lanterna para me resgatar. Foi nesse momento que ele abriu para eu sair. Agradei o homem.

Esta e a lição de vida que tem que levar para a sua vida inteira netos, nunca se separem dos pais.

INOCÊNCIA INFANTIL

Gabriel Pisaneschi Speranzini

— Mãe, a gente vai viajar nas férias?

Ela não respondeu, acho que estava ocupada demais com qualquer coisa que estivesse fazendo. Perguntei de novo, e nada. Percebi que ela não queria falar comigo daquele assunto, mas mesmo assim, fiz a mesma pergunta mais uma vez. Ela fitou-me despreocupada e disse:

— Lugar algum. Eu e seu pai viajamos muito esse ano.

Aquele comentário deixou-me indignado:

— Vocês sim, mas e a gente? Aliás, vocês só viajaram tanto por causa do trabalho do papai.

Todo ano meu viajava a trabalho. Mamãe quase sempre ia com ele, e eu e meu irmão tínhamos que ficar na casa de nossos avós. Algumas vezes, nós os acompanhávamos, mas apenas quando essas viagens coincidiam com as nossas férias escolares.

Minha mãe ainda conseguiu encontrar um contra argumento:

— Verdade, mas além de estarmos cansados, há também o problema do dinheiro.

Tanto eu quanto ela sabíamos que dinheiro não era problema naquele momento. Não éramos podres de ricos, mas não nos faltava nada. Disse isso a ela mas ela insistiu nesse pensamento.

Decidi parar de falar sobre isso já que sabia que não adiantaria

nada. Não conseguia disfarçar minha insatisfação. Eu adorava viajar, entrar em contato com novas culturas, experimentar novos costumes, sabores e tradições. Viajar era uma das coisas que eu mais gostava de fazer. Adorava ver e aprender coisas novas.

Meu irmão entrou no meu quarto. A partir da expressão que ele esboçava, percebi que ele tinha tido a mesma conversa que tive com nossa mãe minutos atrás.

— A mamãe é uma chata! – exclamou logo de cara

— Já sei, ela te falou que a gente não vai viajar né?

— Isso mesmo, ela te falou?

— Falou

— E aí?

— Também fiquei um pouco bravo, mas nem adianta discutir, acho que ela não vai mudar de ideia...

— Chato né?

— Pois é, concordo. Acho melhor a gente nem tocar no assunto de novo porque senão vão nos botar de castigo.

Depois de uma hora, minha mãe disse que tínhamos visitas. Eu não estava no melhor clima para receber gente na minha casa sem ser grosso. Logo descobrimos que eram nossos avós, mas isso não melhorou a situação. Tivemos um longo e chato almoço de família, com todas aquelas conversas entediadas. Ainda, incentivados por nossos pais, faziam perguntas do tipo “Como vai a escola? Tiran-

do boas notas?”. Sempre respondíamos que sim só para agradá-los, mas isso nem sempre era verdade e depois eles acabavam descobrindo.

Depois do almoço, meu avô me chamou para falar em particular. Não estava entendendo direito o que estava acontecendo, mas ouvi o que ele tinha a dizer:

— Meu neto, vou te contar um segredinho.

— Fala vô.

— Sim, sim, vamos, pode me contar.

— Só vou dizer que vocês vão viajar, não direi quando e nem onde.

— Mas então de que adianta?

— Agradeça por eu ter dito isso e não reclame.

— Certo, certo

De qualquer maneira, estava feliz em ir para outro lugar sem ser a casa dos meus avós. Estava muito intrigado e ansioso em descobrir logo qual seria nosso destino nessas férias.

Alguns dias depois, nossos pais chamaram eu e meu irmão para conversar. Estava torcendo para não levar uma bronca sobre alguma coisa que eu deveria ter feito, mas não era nada disso. Eles nos contaram sobre a viagem, e disseram-nos que iríamos para Santos.

Meu irmão explodiu de alegria na hora, mas não demonstrei

o mesmo entusiasmo por já saber da viagem. Estava feliz em saber que seria a praia o nosso cenário dessas férias.

Uma semana depois, partimos para Santos bem cedo, com as malas prontas. Foi uma viagem longa e cansativa por causa do trânsito. Estava bastante ansioso.

Ao chegarmos, meu pai disse que estávamos atrasados, não sabia para o quê, e que deixaríamos nosso carro num estacionamento. De lá, seguimos a pé para o Porto de Santos, onde nos pediram para deixarmos nossas malas em um caminhão. Em seguida, fomos encaminhados para perto de um navio enorme. Meu irmão perguntou aos nossos pais se aquele era o nosso barco e ele respondeu que sim, mas que nos deixaríamos com um grupo de pessoas em uma ilha próxima da costa, onde iríamos mergulhar e fazer passeios de barco, e dali o navio seguiria viagem.

Ao entrarmos no navio, ficamos abismados com seu tamanho e luxo. Era tudo tão brilhante e bonito... Chegamos na nossa cabine e meu irmão logo comentou seu espanto sobre o navio e que era uma pena que não iríamos ficar tempo o bastante para desfrutar dele. Eis que nossa mãe entra na cabine e revela a verdadeira surpresa. O que realmente iria acontecer era que ficaríamos no navio e faríamos um cruzeiro. Foi aí que explodimos de alegria, estávamos fazendo a festa, afinal, era nossa primeira vez com viagens desse tipo. Só então percebemos como nossos pais haviam nos enganado e como cáimos direitinho.

O mais legal de tudo isso que eles fizeram não foi o fato deles nos levarem para um cruzeiro, e sim o fato de que eles utilizaram

nossa inexperiência para fazerem uma surpresa. Se nós tivéssemos alguma experiência com cruzeiros ou viagens desse tipo, teríamos adivinhado no momento em que chegamos no porto. Nossos pais utilizaram nossa inocência infantil para fazer uma boa ação, assim provando que nós crianças não sabemos de tudo.

LINDOS ANIMAIS, GRANDES PERIGOS

Gabriela Breim Salama

O ano de 1943 deu início a minha guerra. Lembro como se fosse ontem, embarcando no SS Atlântico com destino as linhas inimigas. Minha família chorando e eu, com a esperança de fazer diferença.

Nem tudo na vida é guerra. Fui designado para o pelotão sete meia sete, com alguns colegas da minha cidade, outros de partes do país que nem sabia que existiam. Foram longos três meses no mar até chegarmos a Normandia. Ao desembarcar, havia transporte nos esperando, não nos disseram para onde iríamos nem para que, só entramos no veículo sem mais nem menos.

Recebemos ordem direta da inteligência para embarcar em um avião cargueiro que nos levaria até um ponto estratégico onde saltaríamos de paraquedas. Foi exatamente o que fizemos...

Assim que aterrizamos, visualizamos a Torre de Pisa, que até então era perfeitamente reta até que nosso avião esbarrou nela e tornou a torta, obviamente, isso nunca aconteceu nos registros, quando chegamos já estava assim. Bem, isto não vem ao caso, O que interessa é que fomos designados para uma operação secreta de fundamental importância para o rumo da guerra, tínhamos que neutralizar a mais nova arma produzida pelos nazistas. Até então, ninguém sabia o que era ou como era estávamos totalmente no escuro.

Dias se passavam e nós no meio do mato, a procura da tal base nazista, eu me perguntava se isso realmente existia ou se era só uma farsa, passávamos fome frio e o pior é que só tínhamos para comer sanduíches do Subway, esta era, a pior parte.

Um belo dia, meu bom amigo cabo Zulu resolveu defecar como de costume. Ao cavar o buraco, ele caiu, ou melhor, ele achou a porta da base nazista.

Alertei meus homens que íamos invadir, logo puxei meu rifle, coloquei meu capacete e beijei a foto de minha mulher. Descemos a toda. Era uma escadaria escura e suja. Abatemos 130 soldados nazistas sozinhos que estavam comendo chucrute, não foi um feito tão grande quanto a imprensa relatou.

Encontrei uma porta de aço reforçada pensei; 'A arma deve estar aqui.' Assim que abri, vi uma criatura mística, linda, algo nunca visto pelo homem, era um unicórnio.

Eu e o pelotão ficamos aterrorizados como criatura tão bonita estava acorrentada. Cabo Zulu resolveu soltá-la. Foi o pior erro que cometemos o animal dizimou metade do meu pelotão e 2/3 da cidade que, por sorte, estava ocupada pelos nazistas.

O animal é uma besta sedenta por sangue. Lembro-me de lançar cinco granadas contra o animal, disparar cerca de 300 tiros contra o ele que nem se mexeu.

Por sorte, meu dia de baixa estava chegando e o animal dirigiu-se para Hiroshima onde dias depois Estados Unidos lançou um ataque nuclear. Até hoje não sabemos o que aconteceu com a besta

se morreu no ataque ou se ela se salvou. Fica dica não brinquem com unicórnio, crianças, isso é algo sério.

ESTRADA EMBRIAGADA

Guilherme Galvão Guedes

Era madrugada de manhã, estava e meu caminhão indo até Belo Horizonte em Minas Gerais, apenas eu, a estrada e meu rádio do século XV. Meu dever era levar uma carreta cheia de lenha para uma fábrica, eu já havia tomado algumas cervejas, e continuara bebendo.

Estava quieto, silencioso, escuro e a tontura não ajudava no zigue-zague, mas numa estrada de 5 faixas somente pra mim, não havia problemas. Vi uma placa que mencionava duas alternativas de para o meu destino, uma simplesmente era uma cópia da estrada atual, era mais longa, a outra era de terra e meio desleixada, ela era mais curta. Decidi optar pela mais longa, sendo assim necessário pegar a esquerda, mas o zigue-zague simplesmente não deixou. acabei pegando o pior caminho.

Quase no fim dessa estrada horrível, meu pneu furou, a melhor coisa que podia acontecer. Já estava de manhã, o sol iluminava meu pneu furado, quando eu estava quase terminando o serviço com o pneu, estava apertando os parafusos e me preparando para sair, uma família num sedan cinza cai num barranco e fica preso.

Eu logo me apressei para ajudá-los, uma mãe, um pai e uma criança. Tirei todos do carro e os botei deitados no chão, isso tudo bêbado. tentei ligar para uma ambulância mas não tinha sinal. O único jeito era levá-los no meu caminhão.

Tive que dar tchau ao meu emprego, meu chefe não iria per-

doar este atraso, mas eu não liguei, vidas são mais importantes do que meu emprego, e eu odiava aquele emprego mesmo. A criança estava bem mas os pais estavam muito feridos.

Dei meia volta e fui para o hospital mais próximo, chegando lá chamei por socorro, colocaram os pais numa maca e levaram para dentro. Estava eu sete horas da manhã, acompanhando uma criança no hospital.

Logo, médicos nos trouxeram ótimas notícias, eles estavam feridos mas logo estariam de volta. A criança abriu o sorriso mais feliz que vi na minha vida, eu me despedi da criança e fui embora.

E pensar que se eu não estivesse embreagado, eu não teria pego o caminho ruim e não teria salvo aquela família, me senti muito bem. Só acho que eu não deveria ter tomado uma multa por excesso de velocidade, já que eu agi de maneira certa.

Ainda bem que anotei isso pois eu não lembro muito bem, nem sei se era um sonho ou não.

FAZENDO O ERRADO PARA CONSEGUIR O CERTO

Gustavo de Almeida Gandolfo

Segunda-feira, nunca me esquecerei desse dia que deveria ter sido normal. Eu estava saindo da escola, em direção ao ponto de ônibus para voltar para casa, porém para chegar lá era preciso andar uns 2 quilômetros.

O dia estava nublado e bastante frio. Já estava chegando na metade do caminho, quando me deparei com um amigo da escola. Ele me acompanhou até o ponto, onde também iria pegar um outro ônibus para ir para a casa dele. Fomos conversando sobre diferentes assuntos.

Depois de uns 15 minutos, chegamos ao local esperado, e o ônibus que ele iria pegar já estava na rua. Antes de subir no veículo, ele me alertou, pois alguns garotos haviam sido assaltados naquele mesmo local. Após isso, não consegui responder, pois ele já havia partido. Pensei no momento sobre os roubos, mas logo depois já havia esquecido. Um certo tempo depois, me deparei com um homem alto, forte e bastante pálido vindo em minha direção, até que, de repente, ele tirou da blusa um revólver, apontou para mim e disse agressivamente:

— Passa tudo, moleque!

Em seguida, eu falei ingenuamente:

— Não tenho nada, estou voltando da escola, só tenho um ca-

derno e uma caneta.

— Mas como assim? Você não tem nada? - Perguntou o homem.

— Ué, não tenho nada – relatei.

Assim, o homem tirou também da blusa três celulares e disse para eu escolher um. Sem entender nada, respondi que não queria.

— Então tudo bem, pegue estes 10 reais para comer um lanche.

Em seguida, o cara colocou dez reais no bolso da minha calça e saiu andando na neblina.

Após isso, meu ônibus havia chegado. Entrei e fui pensando no que havia acontecido. Fiquei um pouco assustado e não consegui tirar uma conclusão sobre esse acontecimento extremamente inusitado. Quando cheguei no meu bairro, entreguei os dez reais a um morador de rua e disse o mesmo que o ladrão havia me dito: ” Pegue estes dez reais para comer um lanche”. Em seguida, o morador relatou:

— Que Deus te abençoe.

Assim pensei se era para Deus me abençoar ou abençoar o “ladrão”.

O PRIMEIRO BEIJO

Isabella Dalgé Sanna

Era um dia meio cinzento, com nuvens no céu, mas um sol escondido. Esse dia não podia descrever melhor meus sentimentos naquele momento. Estava meio triste com preguiça de viver, mas com uma emoção que não cabia dentro de mim.

Iria me encontrar com um grande amigo meu, Rafael, um nome de anjo, mas somente nome. Estava animada, fazia muito tempo que não o via, estava morrendo de saudades, era o meu melhor amigo, não tinha como ser diferente. Nos falamos por telefone pela manhã e marcamos de nos encontrarmos no shopping perto de minha casa, lá pelo final da tarde.

Antes de sair de casa olhei pela janela e vi que o sol já se punha e o frio ia se aproximando lentamente com a sensação de conforto e aconchego junto ao meu velho moletom do ursinho Poo. Dei uma olhada no espelho fiz um check-list mentalmente e estava pronta. Minha animação não se continha dentro de mim, não parava de falar sobre isso com minhas amigas ao telefone e as minhas mãos só congelavam a cada passo que dava em direção ao shopping.

Ao ver ele, meu coração disparou, nunca havia sentido aquilo. Como podia ter ficado tão lindo em tão pouco tempo? Não havia feito muito tempo que tinha o visto apenas uns dois meses. Estava em choque. Minha barriga se sentiu no polo norte de tanto frio que senti, e meus lábios só conseguiram dar um sorrisinho amarelo ao ver ele com seus cabelos pretos chegando mais e mais perto, e ao

ver seu sorriso, ai meu Deus, quase tive um enfarte, o sorriso mais lindo que eu já vira na minha vida, com toda a ingenuidade e malícia do mundo tudo ao mesmo tempo. Minhas pernas foram ficando bambas e meus pés gelados. Com tantas emoções, contei até três e resolvi fingir que estava ótima e abafar tudo que estava sentindo.

Nos cumprimentamos e começamos a conversar sobre as novidades que haviam acontecido em nossas vidas. De tudo um pouco, sobre os meninos e meninas que haviam passado e ido embora, sobre as noites e porres que tomamos nesse meio tempo e fomos lembrando as nossas histórias, os nossos porres, as nossas risadas, os nossos choros e assim a conversa foi se prolongando, e fui me sentindo mais à vontade, minha barriga não se sentia mais no polo norte, meu coração já pulsava normalmente, e já estava menos nervosa.

Quando nós demos conta, o tempo já tinha passado e estávamos atrasados, tínhamos que ir ao cinema, pois senão iríamos perder o filme e um amigo dele estava esperando nos na porta do cinema com os ingressos, já que tinha conseguido comprar mais barato pela internet. Maldito filme. Pegamos os ingressos com Pedro, e logo em seguida saímos correndo, pois, o filme já iria começar.

No cinema, estava tudo tão escuro, como nunca havia visto na vida, estava tão frio, tão quente ao mesmo tempo que não conseguia me aquietar na cadeira meu corpo formigava minhas mais suavam meu coração voltava a sair do ritmo como uma música descompassada minhas pernas começaram a tremer de novo e estava toda nervosa de novo e então contei até três. Respirei. Fechei os

olhos. E ao abrir, o filme começou.

Quando me dei conta, o cinema estava vazio. Voltei a ficar nervosa, com calor e frio ao mesmo tempo. O que era aquilo meu deus? Tentei me acalmar e me concentrar no filme que acabara de começar. O rafa estava do meu lado e quando me dei conta, ele estava olhando para mim. Com aqueles olhos escuros que mais pareciam a noite chegando. Me gelei. Não podia desviar o olhar. Se tornará uma disputa, quem desviasse perdia, desisti. Perdi.

O filme foi se passando a história foi me envolvendo e quando percebi estava chorando junto as lágrimas da protagonista. Sem pensar duas vezes, me encostei na cadeira do cinema e chorei como se não houvesse amanhã. Ao terminar de chorar e ao respirar fundo e tentar me concentrar no filme, percebi que Rafa estava chegando com sua mão perto da minha e então não pensei duas vezes, segurei a mão dele. Foi a melhor coisa que fiz. Me acalmou de um jeito, que foi inexplicável.

O filme foi chegando ao final e a mão dele que estava sobre a minha me esquentando e me fazendo carinho, foi em direção aos meus cabelos curtos e loiros me acariciou e me abraçou. Fiquei em seu abraço quentinho por algum tempo, não estava mais nervosa, estava calma, estava serena.

Foi quando, em questão de segundos, ele me deu um beijo na testa e foi me beijando lentamente até chegar a minha boca. Não sabia se estava ou não preparada. Só aproveitei, aquele calor, aquela calma e aquele beijo. Não sabia o que fazer com minhas mãos, então só me lembrei do que as moças nos filmes e novelas faziam. E

então acariciei sua nuca quente com minha mão fria e a outra coloquei em seu rosto enquanto nos beijávamos. Me sentia nas nuvens. Meu primeiro beijo. Foi como os de novela, com um príncipe que não chegou em seu cavalo branco, mas de carro e não tardou a conquistar meu coração.

A PRIMEIRA VEZ A GENTE NUNCA ESQUECE

Julio Nogueira Rothstein Parente

“Era quarta-feira. Estava começando a segunda aula. Acabara de revisar os conceitos de multiplicação e divisão. Patrícia entrou. Era aula de Português. Como odiava aquela mulher! Tinha a cara toda enrugada, um cabelo longo, mas descuidado, e, ainda por cima, umas verrugas espalhadas pela cara. Já chegou gritando:

— Armando, para o seu lugar!

— Márcia, para de conversar!

E escreveu na lousa, objeto direto e indireto, “O que seria aquilo? Matéria nova?” pensei na época. Bom, sentei, peguei meu caderno e copiei o que ela dizia. Havia anotado em mais de cinco páginas de meu caderno quando me dei conta de que não estava entendendo a matéria, difícil, complicada. E eu, a aluna mais esperta da classe, estava inconformada. Como não poderia entender algo que parecia tão simples? Aquilo era impossível.

Fui ao intervalo, voltei à classe. Minha burrice não saía de minha mente, queria chorar, espernear. Eu não entendia. Começou a aula de Ciências e estava perturbada. Nem conseguia prestar atenção. Cheguei em casa e chorei.

A loucura de quarta continuou até sexta. Ainda eram 7:45 e eu já não me aguentava. Começou a primeira aula, era a mesma sobre os tais de objeto, e tentei, com bastante atenção e vontade, mas não

conseguia, não entendia, era impossível!

Os minutos corriam e a aula chegava a seu fim. Foi nesse momento que a professora falou em alto e bom som:

— Prova de objeto na quarta. Não se esqueçam. Estudem.

Ai, meu Deus! Saí da escola com um nó na garganta, porém era fim de semana. Poderia sair com minhas amigas e relaxar um pouco. Uma pena, isso foi impossível. Chegou na segunda, e tinha ficado em casa sábado e domingo, sem sair, tentando aprender aquele tal de objeto.

Minha ansiedade não cessava. A perplexidade tomava conta de mim, me levando a não me reconhecer. Continuava super tensa. Não comia, não pensava em outra coisa. A prova tinha tomado a minha mente.

Terça passou mais devagar do que nunca, minha cabeça pesada, só esperando o dia seguinte para me aliviar, minha vida tinha mudado de significado. Agora não ia ser mais a aluna nota A, a melhor da classe, estava perdida, sem futuro e acabada.

O dia do juízo final chegou. Esperava dar 9:00 para acabar com meu sofrimento. E eu nem pudera tirar minhas dúvidas ou tentar entender... “Como fui burra de não aprender a matéria.”

Era hora. A verrugenta tinha chegado. Meu fim estava próximo. Todos em seus respectivos lugares. Ia começar.

Estava com a prova em mãos. Coloquei o cabeçalho. Nome. Data. Número e que sexto ano. Li as instruções e... Tomei o maior

susto. Só tínhamos que nomear os objetos desenhados. No fim, acabei descobrindo que objeto direto é aquele que a gente usa sempre, e o indireto é o tipo de objeto que só se usa de vez em quando.

E assim, minha filha, foi a minha primeira prova, aliás, a primeira vez a gente nunca esquece.”

REENCONTRO

Laura Tamizari Mauser

Sentei no banco da pracinha que fica perto de minha casa, como fazia todos os dias, mas hoje apenas poderia ficar por pouco tempo, pois tinha que levar minha avó para o médico já que começou sentir uma pequena dor nas costas de umas semanas para cá. Estava tudo muito calmo e quieto, o que era de se estranhar, já que havia sempre um grupo de crianças por ali, pela qual adorava ouvir suas criativas histórias. Contudo consegui ouvir apenas uma nostálgica conversa entre dois velhinhos que jogavam xadrez atrás de mim:

“Sério que o senhor morava lá? Eu tinha uma casa de campo por lá! Praticamente, todos os finais de semana ia com minha família passar um tempo. Sabe, a casa era grande, tinha acho que uns sete ou seis quartos, cabia a família inteira. Ah, boas lembranças! Sinto falta desses maravilhosos finais de semana.

Tinha um vizinho extremamente atencioso, gentil..., bom, era um ótimo amigo, afinal, foi ele que me ensinou a jogar xadrez. Íamos para o meio da rua com outros amigos brincar de tudo que tinha direito, cinco Marias, pique-bandeira, passa anel... XEQUE-MATE!

Mas sabe, tudo tem um fim. Minha família teve que vender a casa, e já que na época não havia todos esses meios de comunicação, acabei perdendo contato com esse meu amigo ”.

Olhei meu relógio e vi que já era a hora do almoço, tinha que

voltar para minha casa o mais rápido possível. Confesso que não estava com vontade nenhuma de ir embora, mas não tinha escolha.

Dei mais uma olhada para eles, como se fosse dizer um tchau e vi que estavam se abraçando :

“Nunca desconfiei que fosse você, meu amigo!”

"HOW I MET YOUR MOTHER"

Léo Ostermayer Fiuza

Já tinha passado das 3 da manhã e estava um frio desgraçado, mas eu ainda não tinha voltado para casa. Havia acabado de sair de uma boate e como tinha bebido muito, deixei o carro estacionado numa rua qualquer e ia voltar a pé para casa. Naquela altura do campeonato, eu já não sabia mais dizer se estava realmente andando ou se tinha capotado no chão e só estava mexendo as pernas como se ainda estivesse de pé. Não lembro direito, mas a segunda opção me parece mais provável. Enfim, na tentativa de não cair na frente de um carro enquanto “andava” na calçada, achei melhor virar para a direita entrando em um terreno por onde o caminho era mais curto e não importava para que lado eu caísse, não seria atropelado.

Mas aquele maldito terreno era cheio de plantas, não dava para dar um passo sem prender o pé em uma raiz ou bater a canela em um galho. De repente, naquele “labirinto” de plantas rasteiras, vi de relance uma silhueta que me pareceu ser uma pessoa, mas uma pessoa muito pequena. Decidi chegar mais perto para descobrir quem era, e quando, finalmente, tive uma visão clara do que era, fiquei surpreso. Era uma criança de mais ou menos 6 anos. O que aquela criaturinha estava fazendo ali eu não sabia, mas não era normal. Depois deixei de ser besta e perguntei a ela o que fazia ali, e não recebi nenhuma resposta. Estava muito frio e escuro naquele lugar infeliz, o menino estava de pé em cima de um monte de plantas, como uma vela de chama trêmula, mas estável, repousando em

cima de um montinho de uma coisa qualquer.

Achei que aquele era um comportamento muito diferente para um serzinho daquela idade. Já que normalmente meninos como ele estariam ou pulando feito loucos, ou chorando por estarem sozinhos ali. Pensando nisso, agora mais sóbrio, com certeza ele estava perdido. Mas naquele momento, dadas as circunstâncias do meu estado de consciência, eu não estava em condições de chegar a nenhuma conclusão. E mesmo que estivesse, eu ainda estava pensando em quão grande era a bunda da mulher que eu tinha visto na boate.

Talvez por estar bêbado ou por simples falta do que fazer comecei a conversar com ele. Ou melhor, comecei a falar sozinho já que o moleque não fazia nenhum som. De alguma forma, aquilo foi terapêutico para mim, contei todos os meus problemas, e ele não me julgou. Em algum momento da “conversa”, o menino ficou entediado e caiu em cima de mim! Como gostei muito da companhia dele, decidi que o levaria para algum lugar longe dali, talvez para a minha casa, e, no dia seguinte, iria continuar com a minha “terapia”.

No caminho de casa, vi algumas pessoas me encarando como se eu fosse louco de carregar um menino nas costas, “quem diria, nunca achei que carregar alguém para lá e para cá seria considerado loucura”, foi o que eu pensei na hora. Depois de alguns quarteirões, vi um monte de médicos brotarem do chão e começarem a me perseguir. Corri o máximo que pude, mas caí no chão como um bom bêbado e fui arrastado para a ambulância.

Quando cheguei ao que achei ser o hospital, gritei por ajuda,

mas ninguém atendeu o meu pedido. Muito pelo contrario, me deram um monte de injeções com tranquilizantes e apaguei rapidamente.

Pouco tempo depois, acordei na minha casa, com o meu pai gritando no meu ouvido para me acordar. Não entendi como fui parar ali, mas sabia que estava bem e em casa com meu querido pai. Nós fomos no parque jogar rugby com meus amigos da boate, o menino que carregara no dia anterior também estava lá, mas ele ficou parado no campo sem dizer ou fazer nada. No fim do dia, quando fui dormir, estava pensando sobre meu pai, “mas espera...” (pensei). Meu pai, ele já estava morto há um ano e era o aniversário da morte dele quando fui para a boate.

Dei um pulo na cama do hospital quando acordei. Em seguida, fiquei triste ao perceber que era tudo um sonho e que meu pai já estava morto. Acordei no quarto..., no quarto..., não lembro o número do quarto, vamos chamá-lo de quarto X. Enfim já eram três da tarde, me levantei e fui tentar descobrir o que acontecera com o menino que estava comigo na noite anterior. Assim que saí do quarto X, encontrei uma médica chamada Micheli que me reconheceu e, imediatamente, me levou para o quarto X onde me fez voltar para a cama. Ela me explicou o que tinha acontecido na noite em que fui levado para lá. “Você foi encontrado caindo de bêbado carregando um espantalho roubado de uma plantação de milho nas proximidades, assustando os moradores da região. Então pegaram você e o trouxeram para dentro. Como você estava gritando e se debatendo muito demos à você um sedativo forte e te deixamos no quarto X.” disse ela com uma voz muito suave que me entorpeceu como se

ainda estivessem me dando os tais sedativos.

Não acreditei que o menino não era um menino, mas sim um espantalho velho de um milharal que achei que fosse um terreno baldio. Mas, na verdade, aquilo explicava muita coisa como por que ele não falava nada, ou por que não se mexeu em momento algum. É fazia muito sentido sim.

Fiquei bastante tempo com Micheli enquanto me recuperava e tentava aceitar aquela realidade. Mas conforme o tempo foi passando e eu fui aceitando aquela realidade, comecei a pensar em uma coisa completamente diferente. Cheli, como passei a chamá-la era muito atraente. Não queria mais sair do hospital, pelo menos não sem o telefone dela.

De alguma maneira, entramos em uma conversa muito agradável sobre séries de TV e filmes, na qual o meu verdadeiro objetivo era conseguir seu número. Não sei exatamente por que, mas, no final da conversa ela me deu o telefone, eu estava explodindo de alegria “por dentro”. A lembrança da noite do domingo já me parecia muito distante e esquecida quando eu recebi a alta do hospital na quinta-feira da mesma semana.

Ao pisar fora do prédio, olhei para frente e vi um céu laranja do pôr do sol, nuvens altas dançando com os ventos, e uma nova mensagem no meu celular. (Então está combinado, me encontra no barzinho da esquina às 8:30, sexta-feira! “Cheli”). Mal sabia que aquele seria o primeiro de muitos encontros com ela. Passaram-se dias, semanas, meses, um ano nos encontrando e mantendo viva uma grande paixão, quando eu finalmente a pedi em casamento. E

dez meses depois, você nasceu. E aí, filhão, você tem alguma dúvida sobre como eu conheci a sua mãe?

— Ééééé. Pai? Você tem certeza que deveria ter me contado essa história? Você não acha que isso seria um, mau exemplo?

— É... se sua mãe ainda estivesse viva ela poderia te explicar melhor. É eu acho que você tem razão, eu sou um péssimo pai. Será?

UMA NOITE MUITO LOUCA

Luca Fontana

“Era uma sexta-feira. Logo após eu sair da escola a excitação tomou conta de mim, quando lembrei que, naquela noite eu completaria 18 anos e já poderia beber. E eu havia combinado na semana anterior com alguns amigos de irmos à uma balada que aconteceria na noite daquele dia.

Eu já havia passado uma boa parte da tarde me arrumando e imaginando o que poderia acontecer quando chegasse a hora tão esperada, quando o Magro chegou. Esse garoto de 18 anos tinha um longo cabelo tão loiro que chegava quase a ser dourado e olhos azuis, e seu apelido era esse por ele ser gordinho. Nós conversamos um pouco e decidimos comer, então fomos à cozinha porém a geladeira estava vazia, deixamos a comida de lado e decidimos esperar pelos outros e comer na balada.

Mais ou menos uma hora depois, chegou o nosso outro amigo, o Grande, o mais velho e mais alto da turma que tinha 19 anos, daí o seu apelido, cabelo moreno e um leve sotaque que denunciava sua descendência italiana. Então já que o “trio ternura” estava reunido, fomos à balada (essa é a parte da história em que as coisas se complicam). Logo na porta, o segurança não queria nos deixar entrar, alegando que os nossos RGs eram falsos, então ficamos barrados por quase uma hora, até que o gerente veio conversar com ele para nos liberar. Quando, finalmente, entramos, ficamos impressionados com a quantidade de gente que estava lá. A primeira coisa que fizemos foi comprar bebida, não me julguem, eu estava muita ansioso

para experimentar. Agora que já tínhamos a bebida, decidimos dar uma volta pelo lugar.

Enquanto estávamos andando, um homem que eu nunca tinha visto na vida me agarrou e disse:

-Eí, João! Eu sei que você anda saindo escondido com a minha namorada!

-Eu? Mas eu nem me chamo João.

-Cala a boca, eu sei que é você... Que foi? Está com medo de apanhar?

-Para com isso! Ele não sabe nem quem você é, como ele teria roubado a sua namorada sem saber quem ela ou você são? -defendeu-me o Magro.

-Ele sabe muito bem quem eu sou, até demais... Agora vamos parar de enrolar e resolver isso de uma vez por todas! – replicou o homem enquanto preparava-se para me dar um soco.

E quando o homem ia me dar uma grande surra, apareceu o Grande que deu uma joelhada nele; ela não foi tão forte, mas foi o necessário para fazer o homem me largar. Assim nós conseguimos fugir antes de levar uma surra. Enquanto eu e meus amigos fugíamos do cara, esbarramos e caímos sem querer em um grupo de meninas. Elas acharam que a gente estava abusando delas e nos bateram e nos arranharam.

Após duas confusões, decidimos comprar mais bebida, (a partir de agora tudo o que aconteceu é incerto, se é que é verdade). Eu

acho que acabei exagerando um pouco, me lembro de ficar bêbado e meus amigos também. E não me recordo do resto da balada, porém ainda falta falar da volta, que também foi outro desastre.

Era por volta das 04:00 da manhã quando nós saímos. Já que nós tínhamos ido de táxi, tivemos que voltar de táxi também, então fomos até o ponto mais próximo e pegamos o primeiro que vimos, sem nem ligar que ele era meio velho e caído e que o motorista não parecia estar 100% sóbrio, mas mesmo assim nós demos o endereço ao motorista e ele começou a dirigir.

Estava tudo indo bem, nós estávamos conversando sobre um jogo de futebol, até que do nada o Grande deu um berro tão alto que teria acordado até a bela adormecida:

— Para o carro agora! – ele berrou

— Por quê? –perguntou o motorista com um tom de indignação.

— Por quê? Ora, eu te digo por que, você está dando voltas há mais de uma hora e acha que nós não percebemos?

— Ele estava? - eu e o Magro perguntamos confusos.

— Tá, mas eu percebi, só vamos sair daqui, depois decidimos o que fazer. – disse o Grande.

E nós deixamos o táxi sem pagar, perdidos e a pé, fomos em busca de algum lugar para arrumar informação de onde estávamos. Por sorte, achamos um posto de gasolina, velho e parecia que estava abandonado, mas tentamos a sorte e nos surpreendemos ao nos de-

pararmos com um velhote que parecia ser o dono do lugar, por ser o único no estabelecimento. Perguntamos ao senhor como faríamos para voltar ao nosso bairro. Ele disse rindo que nós estávamos a mais ou menos 5 quilômetros, então por falta de opções, seguimos o resto a pé.

Tudo estava indo bem novamente, eram 10:00 da manhã e na hora em que atravessávamos a rua para entrar no prédio, um carro que ninguém viu de onde veio me atropelou e eu apaguei.

Quando acordei, estava todo engessado e com dores por todas as partes do corpo. Um doutor entrou e disse que eu tinha muita sorte em estar vivo, pois não era qualquer um que sobrevivia a um acidente como aquele. Logo depois, entrou uma enfermeira; ela era loira, tinha olhos lindos, um jeito diferente de andar e quando percebi, já tinha me apaixonado. Ela olhou para mim com um ar de pena e soltou um leve sorriso do qual me lembro até hoje.

Eu fiquei mais de um mês naquele hospital e a única coisa que me agradava era ela. Nós sempre conversávamos nas horas vagas, que, para mim, eram as 24 horas do dia, mas, para ela, não eram muitas as horas vagas.

Quando, finalmente, tiraram aquela pequena prisão de mim (o gesso), chamei-a para sair e após alguns encontros, nós viramos namorados. Ela foi a única coisa boa que aconteceu da ida à balada, nem a bebida prestava. Aliás, depois dessa primeira experiência, nunca mais bebi”.

— Mas ,vô, o que aconteceu com ela no final?

— Pergunte à sua avó. - disse o velho enquanto dava uma gargalhada após lembrar a história mais marcante de sua adolescência.

Ele, como um maestro que solta uma última nota para fechar gloriosamente uma sinfonia, soltou um suspiro de alívio e felicidade e seu rosto ficou congelado num sorriso. Seus batimentos cardíacos pararam e a equipe médica de plantão entrou no quarto.

VIDENTE

Lucas Borges Bottino

Estava chovendo quando voltei. Uma chuva forte e escandalosa. Não deixei de apreciá-la quando cheguei. Mas, sendo minha profissão, não podia evitar de escrever a história que acabara de presenciar.

Carlinhos não parava de me perturbar.

— Sim, chegamos, Cacá. Bem a tempo. – disse-lhe em frente à casa da mulher. Carlinhos ultimamente estava em um estado deplorável, impossível de não notar sua depressão interna. O Sol começava a se pôr, dando espaço à escuridão das nuvens.

Relutei quando me ligou pela manhã. Perguntou se eu poderia acompanhá-lo “em uma visita ao futuro”. A verdade é que eu não acredito em videntes, afinal, o inusitado do futuro é a única coisa que nos move. Porém resolvi dar a meu amigo de longa data uma chance. Cacá tinha acabado de passar por uma grande desilusão amorosa.

Enfim, entramos na moradia da vidente. Tentei ignorar os milhares de badulaques e decorações. Pensei que essas coisas deviam ser naturais, feitas com o propósito de aumentar o clima de mistério na visitação. Além do mais, estava concentrado, queria desmentir de alguma maneira as previsões da cartomante a seguir.

Ao fim de um longo corredor ornamentado, via-se um cômodo com uma mulher em seu interior. Trajava um vestido negro, cente-

nas de bijuterias, lápis de olho; típico.

Fomos convidados a sentar. A adivinha se apresentou. Seu “nome” era Auctora. Creio que ela notou a quem estava direcionada a adivinhação. Começou a perguntar um monte de coisas para Carlinhos: “Qual o motivo de sua visita?”, “Quando teve sua primeira desilusão amorosa?”. Não disse nada a mim.

Logo em seguida, adivinhou coisas aqui e ali. Sua idade, o nome de seus parentes, quantos cachorros tinha a sua tia-avó... Pra falar a verdade, fiquei um pouco impressionado naquela hora, mas, posteriormente, cheguei à conclusão de que ela não disse nada que uma pesquisa na internet não revelaria.

Até então, eu já estava achando que Carlinhos tinha jogado seus 300 reais pela janela. A vidente embaralhou e distribuiu cartas sobre a mesa.

À minha surpresa, algo aconteceu naquela sala que eu acredito que nunca vou esquecer. A mulher retirou uma das cartas da mesa e olhou-a. Então olhou para Carlinhos, e olhou novamente para a carta, e, logo em seguida, para Carlinhos; como se não estivesse acreditando no que via.

— Ah, Deuses, é isto que preparam para ele? – ela disse, como se falasse com alguém que não estivesse lá. Olhava para cima e apontava o dedo para Carlos – por favor, salvem-no deste sofrimento. Olhem sua idade! Não há alma que mereça... Está bem.

— O que aconteceu? Qual o motivo disso, Auctora? – perguntei.

— Não há como mudar o seu futuro. Aqui está seu dinheiro.
– Auctora disse, devolvendo o dinheiro a Carlinhos. – Você está amaldiçoado, nefasto jovem. A sua alma está... Perdida!

A vidente começou a falar em uma língua estranha, que nunca conseguirei distinguir, vomitando as palavras; como se estivesse com a voz de outra pessoa.

Nós corremos para fora em dois saltos. Entramos no carro, a voz alta da mulher ainda se ouvia de dentro. Dirigi.

Quando recuperamos o fôlego, lhe disse que não valia a pena discutir o acontecido. Apenas perderíamos tempo. Deixei Carlos e fui para casa.

O que acontecera ali? Pergunto-me qual era a conversa que a vidente inventava com seus “Deuses”. Algo agora me corrói por dentro. Algo que me traz arrependimento ao máximo. No último momento, antes de fugirmos do quarto de Auctora, vi de relance qual carta havia tirado a cartomante... Uma corda.

DA TELINHA PRO TELÃO

Maria Clara Ciseski Gonçalves

Era a primeira vez que sairíamos da tela de nossos celulares e, finalmente, nos conheceríamos de verdade. Ficamos durante muito tempo conversando no whatsapp, tanto tempo que nem me lembro como conseguimos o número um do outro. No início, o assunto não rolava, mas o tempo se encarregou de que nos conhecêssemos melhor, tornássemos amigos ou mais que isso, e, enfim, marcamos de sair.

Eu estava muito nervosa e aquele friozinho na barriga não me abandonava. Estava cheia de expectativas e a ansiedade era tamanha que não conseguia nem dormir à noite. Aquele dia significava minha chance de impressioná-lo.

Eu acho que penteei meu cabelo mais de dez vezes, escovei os dentes por uns 45 minutos e provei todas as roupas do meu armário antes de escolher uma blusinha florida, uma calça jeans e uma sapatilha rosada. Chegando ao shopping, não conseguia ficar em pé de tanto que estava tremendo. Todas as lojas estavam cheias, o que dificultava ainda mais encontrá-lo. Eram muitos meninos passando em minha frente e eu não sabia pra onde olhar.

Por um momento, tudo parou e, em meio à multidão, um rosto me pareceu familiar. Um alívio acalmava meus pensamentos “Ele veio!”, mas o indescritível nervosismo fazia meu coração querer sair pela boca.

Ele era loiro, alto e tinha o cabelo bem bagunçado. Estava com

uma blusa bem larga de uma banda (que eu não conhecia), uma calça toda rasgada e um tênis caindo aos pedaços. Era difícil ver pra que lado ele olhava porque tinha muita gente em seu redor. Meus olhos não paravam de encará-lo e fui me dando conta de que ele era exatamente como eu imaginava.

Ele veio andando em minha direção e, como a sessão estava para começar, nos cumprimentamos rapidamente e fomos em direção à sala de cinema. Ambos estávamos com muita vergonha e, até chegarmos ao filme, o silêncio era tamanho, que se podia ouvir até a respiração de uma mosca.

Nos sentamos um ao lado do outro e o filme começou. Não conseguia prestar atenção, e ficava me perguntando “O que ele deve estar pensando de mim, será que eu não sou como ele esperava?”. Olhei discretamente para o lado e quase desmaiei. “Ele está me olhando!”. O suor em minhas mãos escorria e eu tremia como vara verde. Era só o começo. Aquelas sensações aumentavam cada vez mais, quando, de repente, sua doce voz me perguntou se eu estava gostando do filme. Fiquei olhando hipnotizada para aqueles olhos castanhos fortes e seu sorriso meio torto, até que respondi:

— Não muito.

O silêncio logo ocupou o espaço das poucas palavras que trocamos, fazendo com que me arrependesse plenamente de ter respondido aquilo! Mil outras respostas passaram pela minha cabeça, até que ele continuou o assunto:

— Como você me imaginava?

“Eu não sabia como o imaginava! Não sabia o que falar e a culpa era toda dele. O que eu iria responder?”.

— Você achou que eu era assim?- perguntou de novo.

— Sim. – respondi depois de pensar bastante. Perguntei o mesmo para ele, esperando uma resposta sincera.

— Te imaginei assim mesmo. Mas pensei que você fosse mais falante. Vou comprar pipoca, já volto.

“Idiota, idiota, idiota, idiota”, pensei. O garoto mais lindo estava do meu lado e eu não consegui falar nada. É claro que ele teria ido comprar pipoca!

Não prestei atenção em nenhuma palavra que os atores diziam. Só pensava no sorriso torto, na voz suave e, claro, na burrada de tê-lo feito sair. Olhava para o relógio esperando-o voltar. “A fila deve estar grande, ele deve ter passado no banheiro”. O tempo não parava de passar e o filme já estava para acabar. Aquelas desculpas não me tranquilizavam mais e eu estava morrendo de vergonha.

Saí da sala e fui ver onde ele estava. “Ufa... ele não foi embora!”. Houve uma troca de olhares e ele sorriu. Eu sorri de volta. Ele acenou. Eu fiz o mesmo. “Sim, sim, sim, eu tinha chance! Íamos ser namorados pra sempre, casar, ter filhos lindos, muitos amigos...”. Ele veio caminhando mais ou menos em minha direção, quando parou e ficou conversando com uma menina. Ficaram de papo por cinco minutos e beijaram-se. Caminhando na direção contrária a mim, saíram de mãos dadas feito namorados.

Aquele foi o pior dia de minha vida, marcou minha juventude

de tal forma que após quinze anos ainda sinto a dor no peito só de me lembrar. Ele, simplesmente, havia ido embora, com a desculpa de que foi comprar pipoca....

INDEPENDÊNCIA

Maria Pandeló Augusto

Muito bem! Então esta é a história de como eu me “tornei mais independente”. Ou pelo menos uma breve história de quando me senti assim, já que todos estariam na escola, enquanto eu estaria no meu caminho ao Rio. Não “um rio”, mas a cidade do Rio de Janeiro. E talvez quando tenha descoberto o “verdadeiro significado” de independência.

Daí você se pergunta, o que teria de tão especial numa viagem dessas? Pois eu tinha só onze anos e essa era a minha primeira aventura, já que eu estaria sozinha. Eu imaginei. Você ainda não vê “o extraordinário” disso. Ah, é claro que menti. Estava a caminho de atravessar os três oceanos, depois, me mudar para Madagascar e viver na mata. Okay. Não, não NÃO. Situava me no aeroporto indo para as praias do Rio mesmo, para encontrar minha tia. Mas minha sensação naquele momento aspirava o tal pensamento. Esta era a grande mentira, e a grande verdade.

O frio na barriga. Três abraços contínuos nos meus pais e no meu irmãozinho eram necessários no momento. Claramente, eu achava que era como num filme em que em exatamente-um-minuto-depois-da-minha-família-ir-embora-teria-um-apocalipse-zumbi ou então, logo no avião, o piloto, simplesmente, diria turbulênciaaaaaaaaaa. E nós cairíamos. Outras invenções minhas, é claro.

Enquanto isso (na realidade) me encontrava subindo as escadas, as mãos frias, mas suando, dando uma última olhada para fora

do avião. Levava comigo um pedacinho de papel amassado com algumas notas da minha mãe. Aqui vai “O que não fazer no aeroporto sozinha”:

— Não perambular pelo aeroporto e esquecer que você tEM QUE PEGAR UM VOO!!

— Não comer um monte na lanchonete (já pensou se você engasga com o tanto de comida que comeu?! Ou vai que você passa mal no avião!)

— Não falar com estranhos!!!

— Não sair ouvindo música e esquecer (como você sempre faz) que você TEM UM VOO A PEGAR!!

— Não falar com estranhos!!1!

Provavelmente, a lista era assim mesmo, já que a minha mãe era SUPER-protetora, e é claro, como todos os fatos que apresentei até agora, que eu obedeci (comi 3 mini pizzas em aproximadamente 20 minutos. Recorde Mundial. Assim como o número de bilhetes que minha mãe já havia deixado até aquele momento).

Entrando naquele ambiente estranho, me acomodava. No cenário, um garoto, de mais ou menos uns 8 anos, cabelos encaracolados, camiseta do homem-aranha, jogando algum videogame num DS, sentou-se a minha esquerda. A minha direita, do lado da janela, uma senhora, cabelos também cacheados, curtos e brancos, malha rosa e óculos redondos ia se acomodando. Ela carregava uma bolsa e dali tirava uma revista (que parecia com uma do Discovery Channel ou NetGeo Wild, se é que existiam revistas desse tipo na época,

já que a revista apresentava a lombada quase despedaçada, e eu já começava a coçar o nariz). Na capa, uma mulher de cabelos vermelhos enrolados, no que parecia uma savana, ou uma selva, enfim, não me lembro ao certo o que era, mas era algum lugar de sensação intimidadora. Seu nome aparecia também, mas não consigo lembrá-lo. A senhora, no entanto, não a folheava. Olhava para todos os cantos do avião, todas as pessoas, quietas, conformadas. E logo olhava para a janela, com um olhar de satisfação, misturado com alegria, mas quase uma desconformação, desconforto. Ela sorriu para mim e eu para ela, e, em seguida, me perguntou se eu viajava ali sozinha e se sim, perguntava se era minha primeira vez. Consentiu, me contando que também era sua primeira vez, completamente sozinha. Ela repetia que eu era uma mocinha corajosa por estar ali desacompanhada, independente, que ela, na minha idade, não conseguiria fazer o mesmo.

E 15 minutos eram restantes no avião.

Percebi que sua revista, na verdade, era um caderno, que parecia “de viagens”. A moça sorria, aparentando um olhar de “espírito aventureiro”, independente. Finalmente, quando faltavam poucos minutos para o avião pousar, perguntei quem era a menina dos cabelos cor de fogo na capa.

Era a mesma senhora que se sentava ao meu lado. O mesmo olhar em busca de aventura.

FURTOS

Mariana Santiago de Castro e Paula

Arrumando meus pertences dentro de uma caixa para doações que faria antes de me mudar da casa dos meus pais, achei uma calça velha minha, jeans e simples, insignificante, se não fosse pelo papel que caiu do bolso dela.

Assim que bati o olho nele, reconheci o guardanapo pardo e frágil. A mensagem que trazia nele escrito me trouxe uma lembrança que eu, particularmente, adorava por me lembrar a ingenuidade da adolescência.

Eu tinha quinze anos na época e me achava demais. Era o que muitos chamariam de insuportável.

Estava dentro de um café na Paulista, quando vi uma menina muito bonita no balcão. De todas as maneiras que podia ter me aproximado, me apresentado e trocado algumas palavras, escolhi o mais importuno possível: cheguei perto dela, enfiei minha mão no bolso de sua calça e puxei seu celular e sua carteira.

Ela, obviamente, notou, e, sem demora, me questionou:

— Ei, Ei, Ei! Quem você pensa que é?!

— Hummm, não vou falar meu nome, se é isso que você quer, vai ter que descobrir... - respondi enquanto fazia expressões enigmáticas com os olhos só para provocar.

— Me dê a carteira e o celular, agora!!!

— Opa, nervosinha, vai com calma aí!

Ri da cara dela de quem não entendia nenhum pouco a situação. Eu entendia que podia ser meio excêntrico roubar alguém apenas para chamar atenção, mas, ao mesmo tempo, eu era também meio idiota.

— O que você quer, hein? - Perguntou com exasperação.

— Nada, não. Só queria testar minhas habilidades de furto antes de começar uma carreira, sabe como é...

Ela, então, resolveu entrar no meu jogo:

— Pois bem, achou que o melhor jeito de começar era por uma menina? Só por que sou mais fraca?

— Não exatamente, mas você é muito bonita, então se não conseguisse te roubar, te chamava pra sair ou coisa do tipo.

Suas bochechas ficaram num leve tom avermelhado e os olhos mostraram irritação, mas também curiosidade. Eu achava que acabaria dando tudo certo.

— Oh, me desculpe, mas não me relaciono com potenciais batedores de carteira, acho que você pode passar pra sua próxima vítima - falou num tom doce e artificial, pegando o que era seu de minha mão e apontando para a porta da cafeteria que dava para a rua.

— Acho que não, prefiro insistir.

— Insista sozinho, então - e saiu pela porta empinando o nariz.

Para a sua irritação, a segui pela saída.

— Você, realmente, não vai me dar uma chance?

— Claro que não! Não faz nem cinco minutos que você estava cometendo um crime contra mim, que tipo de pessoa você é? Só pode ser louco...

— Então me dê mais cinco minutos, mais cinco minutos e prove que não sou idiota, ou louco, ou qualquer outro rótulo que tenha posto em mim.

— Tudo bem, - puxou uma cadeira da mesinha ao lado e se sentou. Fiz o mesmo. Ela olhou para o relógio do celular e se dirigiu a mim - estou cronometrando.

— Queria começar explicando que... - e então comecei a soltar algumas coisas aleatórias, como “nunca roubei ninguém, mas precisava chamar sua atenção” e “você é incrivelmente linda” e até algo como “acho que ser louco é algo bom, no final das contas”. Mas, logo no começo, percebi que olhava fixamente nos meus olhos, e não prestava atenção na conversa e sim no jeito que olhava pra ela.

Quando finalizei, ela me encarou por o que, provavelmente, foram três segundos, mas pareceu uma eternidade, se levantou e se virou para ir embora. Deu dois passos e segurei seu pulso.

Ela pegou uma caneta de seu bolso e um guardanapo da mesa, rabiscou o que eu havia deduzido ser seu número de celular (me achava sortudo demais). Ela colocou no bolso do meu jeans, naquele dia novo em folha, tascou um beijo rápido na minha bochecha e saiu correndo pela calçada, como se estivesse atrasada para algum compromisso.

Ali me encontrava, em frente ao café, com um sorriso bobo no rosto. Enfiei a mão no bolso e dei falta da minha carteira. Puxei o bilhete e li, confuso: “Aprenda a bater carteiras direito, convencido.”

Serviu para me ensinar uma lição, pelo menos.

Voltando ao meu quarto, no presente, dobro a calça e a coloco na caixa. O bilhete eu guardo na calça que estou vestindo.

NOVELO DE LEMBRANÇAS

Paula Brzostek Muller

Enrola; torce; vira; fura; cruza; puxa... Enrola; torce; vira; fura; cruza; puxa...

Com esse novelo, é impossível não recordar dos meus tempos de criança. Tricotar é a magia que nos faz recordar. A linha na agulha já é algo automático e minha cabeça vai longe e me leva junto de volta para a minha infância.

— Tchau, mamãe, tchau, papai, boa viagem! Aproveitem bastante e tragam vários presentes!

— Tchau, filha! Boa semana! Estude bastante, coma direito, seja educada, durma cedo e não dê trabalho para a sua avó!

Eram sempre as mesmas palavras de despedida... no começo, eu ficava chateada com esses dias longe de meus pais, mas agora eu já tinha me acostumado e sabia que eles iriam voltar em um piscar de olhos, tudo que eu precisava era aproveitar esses preciosos minutos ao lado dela.

Meus pais viajavam muito e com isso eu era levada à casa de minha avó. É claro que aquele era o momento mais feliz do meu dia, afinal, mimo de avó não tem igual.

A casa dela não era lá muito aconchegante, era antiga, feita de madeira com inúmeros móveis do mesmo material, todos bonitos e entalhados. Na casa, havia também diversos sofás e poltronas velhas e pouco estofadas. A iluminação era fraca e as paredes tinham um

leve cheiro de mofo, mas mesmo assim eu amava o lugar, afinal, os dias lá eram os melhores.

Enquanto eu comia aquelas gostosuras que só avó sabe fazer, ela, com suas mãos calmas e macias, fazia cafuné em minha cabeça e me contava histórias, histórias de todos os tipos, curtas, longas, engraçadas, assustadoras... Mas as que eu mais gostava eram as suas histórias de vida, suas aventuras, seus amores...

Quando o céu escurecia, eu ia dormir em uma cama improvisada feita de almofadas. Eu sempre apagava rápido devido à agitação do dia, porém, certa noite, eu estava sem sono, olhava entediada para o teto e rolando de um lado para o outro enquanto esperava os sonhos chegarem. Nesse meio tempo, eu fiz de tudo: pensei na vida, filosofei, estudei mentalmente para a prova de segunda feira... Foi então que, embaixo da porta, uma luz apareceu.

Eu que sempre sonhei em ter uma aventura como as das histórias da vovó, me levantei e, na ponta dos pés, segui em direção à luz com minha camisola florida e meu ursinho na mão.

Atravessei o corredor com o coração batendo forte: o que me esperava lá? Seria um ladrão? Um monstro?? Apavorada, entrei no quarto da vovó, onde se encontrava a misteriosa luz.

Ao chegar lá, me surpreendi, não tinha nenhum monstro lá dentro e sim minha avó, ainda acordada, com duas enormes agulhas e um novelo de lã, ela tricotava sem parar com uma expressão jovem e feliz. Pensei em voltar para o quarto, mas aquele piso de madeira rangia alto, fazendo com que ela parasse o tricô para ver o

que estava acontecendo.

Ao me ver lá, minha avó sorriu e, com um leve gesto, me chamou para sentar ao seu lado. Foi nessa noite em que eu aprendi a tricotar, passo por passo, ela foi me explicando como manipular as agulhas para formar um belo cachecol. Nós fizemos isso até o primeiro raio de sol entrar pela antiga janela, quando nos demos conta de que precisávamos dormir.

Por mais que o tricô fosse divertido, minha mente de 7 anos ainda não entendia o que minha avó via de tão gratificante em fazê-lo. Foi isso que eu perguntei na noite seguinte quando encontrei-a novamente com as agulhas trabalhando.

— Isso, minha flor- ela disse sorrindo- você só vai descobrir daqui a alguns anos, quando os cabelos brancos começarem a brotar em sua cabeça.

Nunca me esqueci dessas palavras. Os anos passaram e eu, já mais velha, finalmente entendi o que minha avó sentia ao tricotar e, principalmente, o porquê daquela cara jovem e brilho no olhar. Entendi tudo o que ela sentiu naquela marcante noite em que eu aprendi a tricotar e em muitas outras quando ela fez isso sozinha. Eu entendi porque agora eu sentia o mesmo.

Enrola; torce; vira; fura; cruza; puxa... Enrola; torce; vira; fura; cruza; puxa... Acabei o cachecol na mesma hora em que ouvi a campainha soar.

— Vovó!!!!- Disseram as crianças.

DIA INESQUECÍVEL

Pedro Guimarães Brandão de Mendonça

Em uma tarde, estava deitado no sofá quando ouvi o telefone tocar, fui atender. Era um velho conhecido do meu avô e gerente de um bar. Ele perguntou se eu e minha banda gostaríamos de tocar algumas músicas no seu bar dali a três semanas. Como iria ser o nosso primeiro show, não perdi tempo, liguei para os outros integrantes da banda para dar a notícia. Liguei para o Rodrigo, o baterista alto e cabeludo, Luan, o baixista, baixinho, Rafael, o outro guitarrista e vocalista. Todos nós éramos amigos de escola e estudávamos na mesma sala.

No dia seguinte, combinamos de ensaiar na casa do Rodrigo, pensamos quais músicas iríamos tocar e começamos o ensaio.

As outras duas semanas se passaram desse mesmo jeito. Íamos para a escola de manhã e ensaiávamos à tarde inteira até o dia do show.

No grande dia, todos nós estávamos animados e combinamos de almoçar juntos. Depois do almoço, fomos ao bar do show com uma hora de antecedência para os preparativos finais. Chegamos lá, o gerente estava na porta nos esperando. Entramos no bar, passamos o som, quando olhamos no relógio tinha passado uma hora e o bar já iria abrir as portas para os convidados. Então sentamos em uma mesa e esperamos a hora do show.

Na hora do show, o gerente nos apresentou para os convidados. Então subimos ao palco, o nervosismo aumentou, pegamos as gui-

tarras o contrabaixo, Rodrigo sentou atrás da bateria e começamos a tocar. Tocamos as sete primeiras músicas sem nenhum erro. Quando chegou na última música, nós nos empolgamos tanto que a tocamos com perfeição. Ao final, todos nos aplaudiram e foi ótimo, saímos do palco, abraçamos nossos pais, e fomos falar com o gerente, dissemos que adoramos ter tocado lá e ele nos respondeu com a melhor notícia: que iria nos chamar mais vezes.

Quando tudo acabou guardamos os instrumentos, fomos jantar e foi assim que nosso dia acabou.

FELICIDADE

Pedro Moreno Broide Almeida

Felicidade, o que é felicidade? Para mim felicidade é marcar um gol, se divertir com os amigos e família, ganhar um jogo, ir bem em uma prova. Um dos momentos em que fui mais feliz em minha vida foi há mais ou menos uns 30 anos atrás...

Hoje é o nosso primeiro jogo, estou ansioso. Ainda estou no TP, a professora acabou de me chamar a atenção, estou distraído... “estamos treinando desde janeiro para esse jogo, é contra o Pinheiros”.

“Até que enfim 13hs, está quase na hora !” - estou almoçando, mais tarde tenho inglês, “eu não sei se o jogo vai ser difícil, espero que não”.

“Estou ansioso”. o ônibus ainda não chegou, “mas tudo bem, ainda faltam 2 horas... Ouvi falar que eles não são muito bons, mas mesmo assim não me acalmei.”

Cheguei exatamente na hora da pré-eleição. O técnico pediu para que nos reuníssemos perto da piscina. Ele falou:

- Anderson e Pedro no centro, José e Gustavo na 3, Antônio na 2, Nicolas na 4, Marcelo na 1, Rafael na 5. O resto substitui a 4,2,5 e 1.

Depois desta definição, fomos aquecer “até que enfim, a hora da verdade”.

“Agora vai começar, acho que podemos ganhar” O árbitro apitou, o Nicolas nadou e ganhou a bola, depois do fim do ataque fize-

mos o 1º, o time inteiro vibrou. Fim do 1º quarto 5 a 0 para a gente. “começamos bem!” O técnico falou:

- Mantém o time só entra o Pedro. “Até que enfim vou entrar. Lembrem a mais 3 -3.

O juiz apita, começou o 2º quarto, ganhamos a bola de novo, peguei a posição para o Nicolas, ele pingou e dei um reves, GOOOOOOL!!! “Que felicidade mal consigo pensar, estou tão feliz, meu 1 jogo, meu primeiro gol, nossa acho que eu vou explodir de felicidade”

- Jura vovô?

- Um dia você irá saber

Até hoje eu me lembro dessa sensação, esse foi um dos momentos mais felizes da minha vida.

PRIMEIRO JOGO

Raphael Dafferner Teixeira

Eu tinha apenas 15 anos quando eu entrei para um clube de futebol, nas categorias de base do Bragantino onde comecei minha carreira. Na época, era visto como uma grande promessa e a salvação para o Bragantino, que estava brigando para continuar na segunda divisão do campeonato brasileiro.

Meu primeiro jogo como profissional ocorreu quando tinha apenas 16 anos. Foi pela última rodada do campeonato brasileiro contra o Cruzeiro, um time grande de Minas Gerais.

O time do Cruzeiro havia sido rebaixado pela primeira vez na história, no ano anterior. Se ganhasse, era campeão e subiria novamente à primeira divisão. Se empatasse seria promovido à série A, porém não seria campeão. Se ele perdesse, continuaria na série B.

Nosso caso era diferente, só a vitória nos interessava. Porém se não ganhássemos, éramos rebaixados à terceira divisão do campeonato brasileiro.

Me fizeram uma entrevista perguntando sobre as minhas expectativas para o primeiro jogo. Eu, como grande provocador que sou, falei que as expectativas eram a de acabar com as Marias (apelido para o time do Cruzeiro).

Antes do jogo começar, estava tremendo, começaria sendo titular, então sofreria muita pressão. A entrada em campo foi espetacular, havia muitos torcedores, tanto quanto para o Cruzeiro como

para o Bragantino. Pelo fato do jogo ser em Minas Gerais, havia muitos torcedores atleticanos no estádio, torcendo para o Bragantino.

O juiz apitou o começo do jogo e o Cruzeiro já assustou com um chute de longe, a bola bateu no travessão e quase entrou, porém, o goleiro conseguiu espalmar a bola para fora, tirando o perigo.

Higuaín estava chegando forte, então, comecei a dar entradas mais violentas. Numa dessas vezes que ele veio mais forte, coloquei a bola no meio das pernas dele, assim, dando uma caneta. A torcida foi a delírio, e eu, saí dando risada, para provocar. Após isso ele ficou furioso.

O jogo estava pegando fogo e eu já tinha corrido muito. Até que, em uma falha da defesa, Higuaín recebeu um lindo lançamento e fez o gol. Depois de fazer o gol, passou por mim e falou “Quem são as Marias agora?”. Além disso, ele foi zoar a torcida do Bragantino e isso gerou pancadaria. Um companheiro do nosso time foi expulso e Higuaín apenas levou um cartão amarelo. Por pouco não levei cartão amarelo também. Isso desanimou, e já eram 25 minutos do segundo tempo. Parecia difícil reverter o placar. Logo, a partir daí foi tudo ou nada.

Aos 40 minutos do segundo tempo, puxei um contra-ataque e cruzei para a área, meu companheiro de equipe cabeceou e a bola bate no travessão e entra, na hora me veio uma felicidade infinita. Porém o jogo ainda não estava acabado. Logo, não comemorei muito, apenas peguei a bola e coloquei no meio. A torcida vibrava e co-

memorava demais, pois sabiam que era a chance de virar o jogo.

Aos 45 do segundo tempo, fiz um pênalti, que, para mim, não foi pênalti. Nesse momento, minhas pernas tremeram e meu coração, por um segundo, parou. Higuaín foi bater, ele parecia confiante. Então chutou uma bomba, a bola bateu na trave e voltou no meu pé, já armei o contra-ataque. Corri, até que fiquei na cara do gol, eu dei um corte para a esquerda, assim, enganando e driblando o goleiro, sobrando sozinho na cara do gol, depois foi só alegria, dou um toquinho e faço o heroico gol.

Meu coração parecia pular de alegria, eu tirei a camiseta e fui comemorar com a torcida. Foi, sem dúvida, um dos melhores e mais marcantes momentos que já aconteceram na minha vida. A torcida gritando o meu nome foi inesquecível. Quando estava saindo do alambrado, o juiz me deu um amarelo por tirar a camisa, então, comecei a voltar a minha posição e trombei com o Higuaín. Logo falei: “Parece que vocês é que são as Marias”. Ele ficou bravo e partiu para cima de mim. Um companheiro do meu time deu uma voadora nele e ele se machucou. Os dois foram expulsos.

Depois disso, o juiz assinalou o fim de jogo e eu e meu time comemoramos muito. Quando estava saindo, um repórter me parou e me perguntou se eu queria dar uma entrevista. Eu respondi que sim, então começou:

— Você, logo na sua primeira partida, já se mostrou provocador perante o atacante Higuaín. Você se arrepende de ter provocado o Higuaín e até mesmo a torcida do Cruzeiro? - perguntou o repórter.

— Não, sinceramente. Eu acho que o futebol tem a brincadeira e a provocação. Sem isso, o futebol fica chato – respondi.

— Você, na sua estreia como profissional, já fez um gol e uma assistência. Você acha que foi a estreia que você sempre quis ter?

— Sim, com certeza, foi, sem dúvida, a melhor estreia como profissional que alguém poderia ter.

— E por último, foi um jogo com muitas brigas e provocações, você quer mandar algum recado para o Higuaín, já que ele foi o rival com quem você mais brigou?

— Sim. Higuaín, choro é livre.

Com o fim do campeonato, eu continuei no Bragantino. Já Higuaín se transferiu ao River Plate onde passou mais cinco anos e finalizou sua carreira. Foi a primeira e a última vez que enfrentei Higuaín.

A ÚLTIMA VIAGEM

Thiago Nery Qualiotta

Finalmente era sábado à noite, eu ia para uma festa com os meus amigos. Estávamos na velha Brasília vermelha do meu tio Antônio. Eu sentei no banco do passageiro, Pedro e Bruno, no banco de trás e o Marcos porque era o único de nós que tinha uma carteira de motorista. Sempre que emprestavamos o carro do meu tio, eu era bem cuidadoso porque meu tio sempre foi bem simpático e legal comigo e também porque Marcos não dirigia muito bem, mas eu era tão cuidadoso que meus amigos me chamavam de “O guarda de trânsito”.

No caminho paramos para tomar sorvete. Eles compraram um de cone para mim, só de brincadeira comigo, mas por causa disso eu não precisei pagar por ele.

De volta à rota original, percebemos que todas as ruas estavam vazias, então Marcos acelerou. Com o vento batendo na nossa cara e a ansiedade transbordando, nos sentíamos invencíveis. Até que, enquanto atravessávamos um cruzamento com a sinalização quebrada, ouvimos um som alto de uma buzina e rodas derrapando e vimos luzes fortes vindo da direita. Apenas pude ouvir Pedro gritando:

-Cuidado...

De repente tudo estava em câmera lenta. Não sabia dizer se era o mundo ou o carro que estava girando, enquanto aquela buzina ecoava em minha cabeça sem parar. Quando saí de lá, mal sentia

meu braço direito, mas sentia a tontura e a ânsia de alguém que tinha acabado de andar em uma montanha russa pela décima vez seguida. Minha visão estava muito embaçada, porém consegui ver Bruno ligando para a emergência, então tudo escureceu. No instante pensei “Será que eu morri? E os meus amigos”. Recusava essa ideia o máximo que podia, comecei a imaginar que era tudo um sonho (quero dizer, pesadelo) e que eu iria acordar e ainda seria sábado de manhã ou até mesmo domingo e só tinha tomado algo bem forte na festa.

Mas, ao invés disso, acordei no hospital com uma dor de cabeça insuportável e com o braço todo engessado.

Meu pai estava ao meu lado. Ele me deu uma baita bronca, mas pude ver que estava feliz por eu estar bem. Perguntei sobre meus amigos, ele me disse que estavam melhor que eu, fiquei aliviado, embora ainda tivesse peso na consciência por conta do carro do meu tio, e já pensava em como consertar aquela besteira.

Depois dessa experiência, nós quatro não entramos em carros por um bom tempo, porque agora ficou marcado em nossas mentes que cuidado nunca é pouco pois qualquer viagem casual pode ser a nossa última.

FUGA DA MADRUGADA

Vittoria Perna Negozio

Subi, acendi a luz e bati a porta. “Nunca lhe peço nada, nada mesmo. A primeira festa legal do ano e não posso porque está tarde? Que motivo bobo! Se fosse semana de provas até entenderia, ou mesmo se não tivesse alguém para me buscar”. Terminei todo meu dever, arrumei meu quarto.

Ela bateu na porta, e, mesmo sem resposta, entrou. Analisou as roupas dobradas e a cama feita e balançou a cabeça num sinal de aprovação. Por um instante, pensei que iria mudar completamente de opinião, mas não, apenas queria saber se eu havia colocado as roupas sujas pra lavar. Tive certeza de que nenhum de meus amigos tivera esse problema, mesmo sem fazer toda a bajulação que eu fizera. “Eu que merecia ir nessa festa. Minhas notas estão excelentes, sou super-responsável e ainda por cima faço tudo que ela pede.”

Meu celular vibrou: você vem ou não? Claro que o Paulo fez questão de perguntar, ou porque o folgado precisa de uma carona ou queria esfregar na cara mesmo. Olhei pra tela na dúvida. Será? Catei o celular e digitei sem pensar: Sim.

Meu instinto respondeu à questão que nem eu sabia que me perguntara. Deitei com a barriga pra cima e fiquei olhando para o teto tentando bolar um jeito de ir pra festa. Pensei em pular pela janela, pegar um táxi e pronto! “Voltaria pra casa em poucas horas, ela nem ia perceber...”

Fiquei um tempo tentando me convencer, acabei aceitando que

não sou tão responsável como acreditava ser. “Dane-se, não seria uma única escapadinha que iria acabar com meu caráter”.

Resolvido. Me vesti e elaborei um conjunto de travesseiros sob o cobertor para parecer que eu havia adormecido. O resultado não ficou com formato humanoide, mas de tanto ver essa cena em filmes, deixei de lado. Peguei a carteira e meti no bolso. Abri a janela meticulosamente, tentando não fazer nenhum barulho. Passei uma perna pra fora, depois a outra. Me apoiando na batente, olhei para baixo. ‘Será que isso foi uma boa ideia?’

Pulei e corri até o ponto de táxi. O único táxi acabara de ser tomado por uma moça, então sentei e esperei. O que parecia uma eternidade passou, e um velho taxista estacionou na minha frente. Tá esperando o que, garoto?

Entrei no carro e coloquei o cinto ansiosamente, como se fosse uma criança ao caminho de um parque de diversões. Ditei o endereço e aguardei animado. A adrenalina do que acabara de fazer estava tomando conta de mim. Por um momento, havia esquecido de tudo o que poderia dar errado, até que Paulo me mandou outra mensagem.

Cada você? Encarei a telinha sem saber como responder, se bem que a resposta estava clara para mim. Estava no banco do carro de um velho desconhecido indo para uma festa que ninguém me autorizou a ir, falando com um moleque otário que cola todas as minhas fichas de matemática. Caí na realidade.

Olhei com cuidado para fora de janelinha para perceber que

o velho estava dando voltas. Era só o que me faltava. Joguei cinco reais no banco da frente e abri a porta do veículo, que, por sinal, ainda estava andando, sem falar nada. O velho breiou e me xingou, depois seguiu seu caminho. Bati a porta e olhei os arredores. Não tinha ideia de onde estava.

Caminhei para o sentido contrário do que o taxista havia me deixado. Depois de um longo tempo, percebi que estava ficando cada vez mais perdido. Sentei na calçada para recuperar meu fôlego, até que comecei a chorar. Não sabia por que, mas tudo que queria naquele momento era voltar para casa. A festa já havia perdido qualquer importância para mim. Levantei, enxuguei minhas lágrimas e caminhei no mesmo sentido, até chegar numa rua conhecida, depois me localizei e voltei pra casa, mesmo sem ter ido pra festa mais legal do ano.

CRÉDITOS

Direção

Regina Scarpa

Coordenação

Vera Conn

Orientação

Maria do Carmo G. Kopp Silva

Professora

Marilda Cabral

Edição e design

